



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação

Mariana Tesch Morgon

**Reflexões sobre o pragmatismo e o pragmaticismo, a partir
da análise da temporalidade-verdade de *Lola* em *Corra,*
*Lola, Corra***

Brasília
2011



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação

Mariana Tesch Morgon

**Reflexões sobre o pragmatismo e o pragmaticismo, a partir
da análise da temporalidade-verdade de *Lola em Corra,*
*Lola, Corra***

Monografia apresentada à Banca Examinadora da
Faculdade de Comunicação como exigência final
para obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social – Audiovisual.

Orientador: Pedro Russi-Duarte

Brasília
2011

Reflexões sobre o pragmatismo e o pragmaticismo, a partir da análise da temporalidade-verdade de *Lola em Corra, Lola, Corra*

Mariana Tesch Morgon

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Russi-Duarte
Orientador

Prof. Dr. Alex Sandro Calheiros de Moura

Prof^ª. Dr^a. Cláudia Guilmar Linhares Sanz

AGRADECIMENTOS

A Pedro Russi, pelo todo da orientação: por não me dar as respostas, pelos estímulos, paciência e comprometimento; aos colegas do Núcleo de Estudos em Semiótica – NESECOM, pelas riquíssimas discussões, principalmente à irmã Maria Vitória, pelas horas de inquietações compartilhadas; aos meus pais, padrasto e Marcela, pelo apoio à distância; aos amigos queridos, que compreenderam o afastamento, especialmente à Simone, pelas risadas durante os intervalos; a Lucas, pelas discussões, conselhos, incentivos constantes e certezas.

“Ninguém pode ser, digo, ninguém pode provar um copo d’água ou partir um pedaço de pão sem justificação”.

Jorge Luis Borges

RESUMO

O presente trabalho procura compreender como *Lola* - personagem do filme alemão *Corra, Lola, corra* (1998), de Tom Tykwer - configura sua temporalidade, a partir do estudo de suas ações. Para tanto, são realizadas duas análises, uma a partir do *pragmatismo* de William James e outra a partir do *pragmaticismo* de Charles S. Peirce. A proposta, além de entender como se configura a temporalidade de *Lola*, é estudar os dois métodos, compreender as potencialidades dos mesmos pela forma como possibilitam o avanço das análises. O estudo começa com a localização histórica do pragmatismo, depois passa para as principais diferenças conceituais – para este trabalho – entre os dois métodos escolhidos. Em seguida os conceitos do pragmatismo de James são aprofundados e depois a análise a partir desse pragmatismo é realizada. O mesmo é feito com o pragmaticismo de Peirce para realizar, por fim, a articulação entre os dois métodos e compreender as potencialidades de cada um, bem como concluir de que forma a temporalidade de *Lola* pode ser entendida em cada análise.

Palavras-chave: *Corra, Lola, corra*, William James, Charles S. Peirce, pragmatismo, pragmaticismo, temporalidade, verdade, teleologia

ABSTRACT

The goal of this work is to study how *Lola* - character of the German film *Run, Lola, Run* (1998), directed by Tom Tykwer - develops her temporality, as a result of her actions. The duality of the analysis will consist of William James' pragmatism and Charles S. Peirce's pragmaticism. The purpose of this work is not only to understand *Lola*'s temporality but also to study both methods and to understand their effects considering the advancement of the analysis. The study begins with the historical placement of pragmatism, then the main conceptual differences between the methods – to this work – are outlined. Subsequently, the concepts of James' pragmatism are evaluated in depth and then the analysis using that method is made. The same process is implemented within Peirce's pragmaticism to enable, at last, the articulation between both methods and the understanding of their potential, as well as the understanding of the way *Lola*'s temporality can be developed in each analysis.

Keywords: *Run, Lola, run*, William James, Charles S. Peirce, pragmatism, pragmaticism, temporality, truth, teleology

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	X
INTRODUÇÃO.....	11
1. As escolhas do pragmatismo e do filme <i>Corra, Lola, corra</i>	11
2. A opção pela realização de análises e os elementos que não serão tratados.....	13
3. A divisão do trabalho.....	15
CAPÍTULO 1. O PRAGMATISMO.....	16
1.1. Histórico do pragmatismo.....	17
1.1.1. Início da filosofia norte-americana e o contexto do surgimento do pragmatismo.....	17
1.1.2. Interpretações equivocadas sobre o pragmatismo.....	19
1.2. O pragmatismo de James e o pragmaticismo de Peirce.....	23
1.2.1. Charles Sanders Peirce.....	23
1.2.2. William James.....	24
1.2.3. Os diferentes objetivos e lugares de aplicação dos dois métodos.....	25
CAPÍTULO 2. A CONFIGURAÇÃO DA TEMPORALIDADE-VERDADE DE <i>LOLA</i> A PARTIR DO PRAGMATISMO DE WILLIAM JAMES.....	29
2.1. Conceitos do pragmatismo de William James.....	30
2.1.1. Circunstâncias em que a crença pode ou não ser estabelecida pela vontade.....	30
2.1.2. O significado da verdade.....	31
2.1.3. A experiência no empirismo radical.....	34
2.2. Configuração da temporalidade-verdade de <i>Lola</i>	36
2.2.1. Situações em que <i>Lola</i> pode acreditar.....	36
2.2.1.1. Quando <i>Lola</i> toma o tiro.....	36
2.2.1.2. Quando <i>Manni</i> é atropelado.....	38
2.2.1.3. Quando <i>Lola</i> pede ajuda.....	39
2.2.2. A verdade para <i>Lola</i>	40
2.2.3. As experiências de <i>Lola</i>	43
CAPÍTULO 3. A CONFIGURAÇÃO DA TEMPORALIDADE DE <i>LOLA</i> A PARTIR DO PRAGMATICISMO DE CHARLES S. PEIRCE.....	46
3.1. Conceitos do pragmaticismo de Charles Sanders Peirce.....	47
3.1.1. O que é crença e as quatro formas possíveis para fixá-la.....	47
3.1.2. Teleologia.....	48

3.2. Configuração da temporalidade de <i>Lola</i>	51
3.2.1. Como <i>Lola</i> fixa suas crenças.....	51
3.2.2. O teleológico em <i>Lola</i>	52
 CAPÍTULO 4. RETOMADA REFLEXIVA SOBRE AS ANÁLISES.....	58
4.1. Retomada de conceitos.....	59
4.2. Conclusões sobre as análises e seus métodos.....	60
4.2.1 O pragmatismo de James e o método da tenacidade.....	60
4.2.2 As Temporalidades de <i>Lola</i>	62
 CONCLUSÃO.....	64
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
 ANEXOS.....	69
1. Sinopse de <i>Corra, Lola, corra</i>	69
2. Ficha técnica de <i>Corra, Lola, corra (Lola Rennt)</i>	69

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1. Início da primeira seqüência.....	14
Imagem 2. Final da primeira seqüência.....	14
Imagem 3. Início da segunda seqüência.....	14
Imagem 4. Final da segunda seqüência.....	14
Imagem 5. Início da terceira seqüência.....	14
Imagem 6. Final da terceira seqüência.....	14
Gráfico 1. Duas tendências de desenvolvimento do pragmatismo.....	22
Imagem 7. <i>Lola</i> caída após tomar tiro.....	37
Imagem 8. <i>Manni</i> e <i>Lola</i> conversam numa situação não localizada no tempo.....	37
Imagem 9. <i>Manni</i> depois do atropelamento.....	39
Imagem 10. <i>Manni</i> e <i>Lola</i> conversam, numa situação não localizada no tempo.....	39
Imagem 11. <i>Lola</i> pede ajuda correndo de olhos fechados.....	40
Imagem 12. O caminhão freia para não atropelá-la.....	40
Imagem 13. Ela vê o cassino.....	40
Imagem 14. A bola da roleta pára no número 20 pela segunda vez.....	40
Imagem 15. Guarda olha para <i>Lola</i> após dizer que ela finalmente chegou.....	41
Imagem 16. <i>Lola</i> entra na boca do relógio, nos créditos iniciais do filme.....	41
Imagem 17. <i>Lola</i> destrava a alavanca da arma após <i>Manni</i> ensiná-la como fazer.....	43
Imagem 18. <i>Lola</i> destrava a arma depois que o guarda fala que ela não sabe usá-la.....	43
Imagem 19. <i>Lola</i> em cima do carro do Sr. Meyers.....	44
Imagem 20. <i>Lola</i> vê o cassino.....	51
Imagem 21. <i>Lola</i> pede só mais um jogo.....	53
Tabela 1. Acontecimentos comuns às três seqüências.....	54
Imagem 22. <i>Lola</i> se assusta.....	54
Imagem 23. <i>Lola</i> tropeça.....	54
Imagem 24. <i>Lola</i> pula e rosna para o cão.....	54
Imagem 25. <i>Lola</i> passa em frente ao carro.....	56
Imagem 26. <i>Lola</i> passa por cima.....	56
Imagem 27. Carro atropela <i>Lola</i>	56
Imagem 28. <i>Lola</i> toma o tiro.....	61
Imagem 29. <i>Manni</i> , antes de entrar no supermercado/ <i>Lola</i> pede que <i>Manni</i> espere.....	61
Imagem 30. <i>Manni</i> entra no supermercado/ <i>Lola</i> grita por ele.....	61

INTRODUÇÃO

Este trabalho, fruto de um interesse sobre o tempo, busca sanar uma das muitas inquietações que me causa esse tema, tão caro desde a leitura de *Esculpir o Tempo*, de Tarkovski, no primeiro semestre da Faculdade de Comunicação na Universidade de Brasília, em 2007. Temos como objetivo entender como *Lola*, personagem do filme *Corra, Lola, corra* (1998), de Tom Tykwer, configura sua temporalidade. Optamos pela análise da ação de *Lola* para compreender como se dá essa configuração.

No Núcleo de Estudos em Semiótica e Comunicação – NESECOM, que faço parte desde 2008, estudamos, dentre outras coisas, o pragmatismo. A escolha da abordagem deste trabalho se deu, portanto, como consequência de um interesse em aprofundar esse estudo. Decidimos realizar duas análises das ações de *Lola*, a primeira a partir do *pragmatismo* de William James (1842-1910) e a segunda a partir do *pragmaticismo* de Charles S. Peirce (1839-1914).

Assim, buscamos compreender a temporalidade de *Lola* analisando as ações da personagem a partir de dois pragmatismos que se distanciam conceitualmente e, ao mesmo tempo, conforme as análises avançam, buscamos refletir sobre os dois métodos estudados. As duas buscas se complementam.

Vamos, agora, justificar as escolhas do pragmatismo como método e do filme *Corra, Lola, corra*. Explicaremos porque elementos que são recorrentes no filme não são tratados nesse trabalho. Justificaremos também a opção pelo caminho das análises. Por fim, apresentaremos o que será tratado em cada capítulo.

1. As escolhas do pragmatismo e do filme *Corra, Lola, corra*

Quando a decisão de estudar a temporalidade de personagens foi tomada, faltava ainda decidir quais seriam esses personagens e como se daria o estudo. Pensamos em *Lola*, do filme

Corra, Lola, corra. O filme, por tratar do tempo, sempre apareceu como uma possibilidade de estudo, mesmo quando o objeto de pesquisa ainda não estava delimitado. Não sei se foi a vontade de estudar *Lola* que nos levou a focar o estudo do tempo apenas na temporalidade de personagens ou o contrário, se fomos levados à ela após delimitar o foco.

Personagens como *Lola* não são encontrados em quaisquer filmes, estão em filmes sobre o tempo, filmes que *permitem* a existência desses personagens. O interesse se deu, então, em estudar a configuração dessa temporalidade específica, entender como ela acontece. Para tanto, precisamos também refletir de que forma realizar o estudo, a partir de que lugar. Decidimos estudar a temporalidade dos personagens a partir de suas ações. Dessa forma, seria necessário entender como os próprios vivem suas temporalidades. O pragmatismo foi, então, definido como método para esse estudo, uma vez que permite a compreensão de algo a partir do estudo de seus efeitos.

Pensamos em estudar a temporalidade de vários personagens em diferentes filmes que tratassem do tempo. Entretanto, como dito, fechamos o estudo apenas na temporalidade de *Lola* porque percebemos que isso nos permitiria avançar de outra forma. Como havia um interesse também no pragmatismo como método de estudo, decidimos trabalhar com dois pragmatismos diferentes – o pragmatismo de James e o pragmaticismo de Peirce – tanto para nos aprofundarmos no estudo da temporalidade de *Lola*, quanto para refletir sobre as diferentes possibilidades de avanço dos dois métodos.

Em outras palavras, o presente trabalho estuda como a temporalidade de *Lola* pode ser entendida a partir de sua ação e o faz de duas formas diferentes, o que nos permite refletir sobre os dois métodos. Esses dois pragmatismos se diferenciam conceitualmente, daí a importância das reflexões. O trabalho não só faz duas análises a partir dos dois métodos, como é também, como um todo, realizado de forma pragmática porque compara o resultado dos métodos a partir de seus avanços nas análises das ações de uma mesma personagem.

O pragmatismo, a princípio, não faz afirmações sobre como é o universo, mas sobre como devemos agir no momento em nos deparamos com uma inquirição. O uso do método, ao invés de uma teoria, permite traçar uma configuração a partir do próprio objeto de estudo e evoluir com ele. Se ficasse presa num só conceito teórico, correria o risco de fazer meras aplicações, encaixes que resultariam em relações sem avanço. Sobre o pragmatismo, James afirmar ser a “[...] atitude de olhar além das primeiras coisas, dos princípios, das ‘categorias’, das supostas necessidades; e de procurar pelas últimas coisas, frutos, conseqüências, fatos”. (JAMES, 1979, p.21). Sobre o uso do método, Peirce conclui:

Disputas obstinadas em filosofia são mantidas pela própria vida, que se apresenta sob diversos aspectos. [...] Minha palavra definitiva é que a coisa em que você deve apostar seu dinheiro não deveria ser uma doutrina, mas um método. Pois um método vital corrigirá a si próprio e uma doutrina, não. Doutrinas são cristais, métodos são fermentos. (PEIRCE apud WAAL, 2007, p.25)

2. A opção pela realização de análises e os elementos que não serão tratados

No início do projeto, quando o objeto de pesquisa não havia ainda sido delimitado e a busca realizada era sobre o tema *tempo no cinema* em geral, sempre que me deparava com uma análise, sabia que não era isso o que queria fazer. A negação inicial pelo caminho da análise fílmica se deu porque queria evitar a análise pela análise, sem reflexão, a partir da aplicação de estruturas prontas. Mas, depois das leituras realizadas e com o pragmatismo como método para avançar na reflexão, a possibilidade de realizar uma análise não me pareceu mais tão pobre.

As análises propostas neste projeto não se dão a partir de doutrinas. Não tratam de um estudo sobre sensações causadas por um ou outro tipo de plano cinematográfico, como encontramos em muitos trabalhos. Não que esse tipo de análise não seja válido, apenas não me interessava por análises instrumentais ou categorizações. O interessante das análises deste projeto é o fato de que servem para gerar uma discussão sobre método, quando refletimos sobre o avanço de cada análise.

Estudamos a temporalidade de *Lola* apenas a partir de suas ações, mas cabe justificar a ausência, nas análises, de alguns elementos recorrentes no filme *Corra, Lola, corra*. Não ignoramos a presença constante da espiral, ou a quebra dos vidros, os gritos, ou as possibilidades de futuro que aparecem em fotos quando *Lola* cruza com algumas pessoas que estão em seu caminho. Esses elementos, entretanto, não são analisados de fora, não vamos partir de uma constatação da presença de espirais (a escada, no travesseiro, no nome do bar, nos créditos iniciais), para falarmos de um tempo fílmico em espiral e partir daí para justificar como *Lola* vive o tempo. Esses elementos podem aparecer na análise, se servirem para constituir a verdade da temporalidade de *Lola* (na análise a partir do pragmatismo de James) ou se fizerem parte da realidade de sua configuração temporal (na análise a partir do pragmatismo de Peirce).

Assim, todos os elementos que não interferem *pragmaticamente* ou *pragmaticisticamente* na ação de *Lola*, mesmo que estejam presentes no filme por alguma razão, não são determinantes para a configuração de sua temporalidade, portanto não são tratados nas análises, a não ser que passem a interferir na configuração da verdade que ela constrói (pragmatismo) ou em sua realidade (pragmaticismo). Ademais, quando tratamos das situações que vive *Lola* como primeira, segunda ou terceira situação, o fazemos apenas para localizar o leitor, uma vez que no filme elas acontecem uma depois da outra, mas isso não significa que na vivência de *Lola*, elas tenham sido sucessivas.



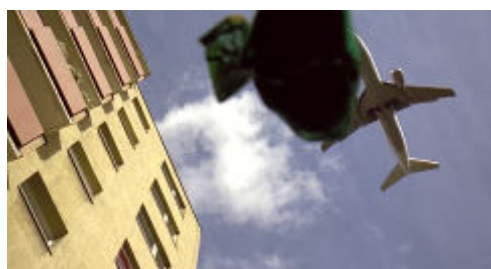
1. (00:23:17) Início da primeira seqüência



2. (00:34:47) Final da primeira seqüência



3. (0:34:48) Início da segunda seqüência



4. (0:54:39) Final da segunda seqüência



5. (0:54:40) Início da terceira seqüência



6. (1:15:34) Final da terceira seqüência

Chamamos de primeira situação (ou vivência, ou seqüência) o período que vai do instante em que *Lola* desliga o telefone pela primeira vez (*imagem 1*) até logo antes de desligá-lo pela segunda vez (*imagem 2*), quando ainda está deitada no chão da rua. A segunda situação começa quando ela desliga o telefone pela segunda vez (*imagem 3*) até logo antes de

desligá-lo pela terceira vez, quando *Manni* está no chão e um avião passa no céu (*imagem 4*). A terceira situação começa quando ela desliga o telefone pela terceira vez (*imagem 5*) até o final do filme (*imagem 6*). Para facilitar a busca destas seqüências no filme, e de momentos específicos dentro dessas seqüências, colocamos a minutagem na legenda de todas as imagens no presente trabalho.

3. A divisão do trabalho

O primeiro capítulo deste trabalho é constituído de um histórico do pragmatismo, o contexto de seu surgimento nos Estados Unidos, algumas críticas, o entendimento que o senso comum tem sobre ele, seus desdobramentos e as diferenças que consideramos principais entre os pragmatismos de William James e Charles Sanders Peirce, bem como uma breve biografia desses dois pragmatistas.

No segundo capítulo, estudaremos o pragmatismo de James e buscaremos, a partir dele, entender como *Lola* configura sua temporalidade. Não se trata de uma aplicação, não entendemos o método como instrumento, ferramenta, pelo contrário, o método nos permite uma constante reflexão sobre o próprio método, a partir de suas possibilidades, avanços. No terceiro capítulo, estudaremos o pragmaticismo de Peirce e realizaremos uma segunda análise a partir dele.

No quarto capítulo, por fim, retomamos os conceitos e conclusões dos segundo e terceiro capítulos e articulamos os dois métodos e seus alcances nas análises. Esse capítulo é importante para que possamos entender a conclusão a partir do que foi conceituado nos capítulos anteriores.

CAPÍTULO 1. O PRAGMATISMO

Este primeiro capítulo é constituído de um breve histórico do pragmatismo, seu surgimento nos Estados Unidos, o contexto que pode tê-lo levado a começar a se desenvolver naquele país em meados de 1870, as principais críticas, o entendimento que o senso comum tem sobre ele, os desdobramentos e principais diferenças entre os pragmatismos de William James e Charles Sanders Peirce. Essa recuperação histórica se faz necessária porque trabalhamos com dois métodos pragmatistas diferentes. Assim, entender porque e em que circunstâncias eles surgiram é interessante para a própria compreensão dos mesmos.

O histórico nos ajuda a entender porque cada um dos métodos se configura de determinada forma, bem como seus pontos de convergência. Como os métodos escolhidos para esse estudo foram o pragmatismo de James e pragmaticismo de Peirce, concentramos os desdobramentos do pragmatismo no que diz respeito a esses dois pragmatistas.

Essa recuperação histórica é também importante para o presente trabalho não só para localizar os métodos usados nas duas análises da ação de *Lola*, mas para compreender o próprio trabalho como um todo, que é também uma reflexão pragmaticista, uma vez que busca refletir sobre dois métodos a partir do avanço dos mesmos nas análises. Ou seja, os métodos serão compreendidos em suas potencialidades, a partir das direções para onde apontam.

Não são distinguidos ponto por ponto dos pragmatismos de James e Peirce porque os métodos são distintos e possuem, portanto, pontos distintos. Neste capítulo são apontadas as diferenças que consideramos principais entre os dois para, no segundo e no terceiro capítulos, nos aprofundarmos em cada um e avançarmos conjuntamente na compreensão dos métodos e na compreensão da configuração da temporalidade de *Lola*, conforme realizamos as análises.

1.1 HISTÓRICO DO PRAGMATISMO

1.1.1 Início da filosofia norte-americana e o contexto do surgimento do pragmatismo

A filosofia norte-americana, segundo Guy W. Stroh, tem suas origens no puritanismo e “[...] oferece uma multiplicidade de interessantes concepções do homem, do universo, da ciência, da religião e de todos os principais temas filosóficos. [...]” (1972, p.7). Ele divide a história da filosofia estadunidense em duas partes. A primeira, de 1700 a 1860, que se estende do puritanismo até o transcendentalismo e, a segunda, que vai desde a Guerra Civil até meados do século XX, que abarca o pragmatismo, o idealismo norte-americano e o naturalismo filosófico.

Antes da Guerra Civil, “os norte-americanos puseram em prática velhas filosofias e tomaram de empréstimo visões de mundo, antes que qualquer sistema original brotasse da nova terra”. (STROH, 1972, p.13). Em 1859, com a publicação de *Origem das espécies*, de Darwin, o desenvolvimento filosófico não poderia deixar de lado a ideia de evolução. Stroh denomina de filosofia primitiva a que se desenvolveu antes da Guerra civil e a divide em três fases: religiosa, política e literária:

O puritanismo representa a fase religiosa, durante a qual a filosofia se achava aos cuidados dos sacerdotes. Por conseguinte, a mais primitiva forma de atividade filosófica nos Estados Unidos é a teológica, envolvendo um esforço por oferecer uma justificação sistemática da concepção segundo a qual o homem vive num universo cujo centro é Deus. O iluminismo representa a fase política, durante a qual a filosofia estava nas mãos dos estadistas [...], [essa] segunda forma de atividade filosófica nos Estados Unidos é principalmente social, envolvendo uma tentativa de fornecer uma justificativa racional da democracia. Finalmente, o transcendentalismo representa a sua fase literária, durante a qual a filosofia esteve a cargo dos poetas. Assim, a terceira forma de atividade filosófica nesse país é romântica, envolvendo um esforço imaginativo para libertar o homem de todas as restrições e considerá-lo tão-somente como um ser criativo entregue a si próprio. (1972, p.17).

A Guerra Civil “[...] desacreditou radicalmente as pressuposições e crenças básicas que definiam a vida intelectual antes dela” (WAAL, 2007, p.19) e surgiram “[...] filosofias mais analíticas, eruditas e originais do que quaisquer outras antes. [...]” (STROH, 1972, p.17). O pragmatismo se localiza nessa segunda parte do desenvolvimento filosófico estadunidense,

denominada de filosofia norte-americana moderna, que rompe com a fase primitiva. (STROH, 1972).

Da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX, os Estados Unidos passaram de uma pequena nação para uma nação líder mundial. “Este rápido crescimento não envolveu apenas aumento de população, de industrialização e de urbanização, mas também trouxe consigo um recrudescimento no setor da aprendizagem e um assombroso desenvolvimento de esforços no campo intelectual e científico”. (STROH, 1972, p.95). A quantidade de universidades cresceu significativamente e a filosofia como disciplina obteve maior reconhecimento.

Foi esse o contexto de surgimento do pragmatismo, um período pós Guerra Civil e de crescimento do país. Stroh pontua três pequenos fenômenos como contribuintes para esse período de transição da filosofia primitiva para a moderna, nos Estados Unidos:

(1) *The Journal os Speculative Philosophy*, publicado pela primeira vez em 1867, em St. Louis, Missouri; (2) o assim chamado “Clube Metafísico”, organizado em Cambridge, Massachusetts, na primeira parte da década de 1870; e (3) a influência de Chauncey Wright (1830-1875), um pensador pouco conhecido mas brilhante desse período. (1972, p.96).

William James e Charles Sanders Peirce fizeram parte desse grupo, que se reunia para discutir filosofia, juntamente com outros como Oliver Wendell Holmes Jr, Nicholas Saint John Green e Chauncey Wright. O grupo era chamado de *Clube Metafísico* pelos próprios participantes “[...] meio desafiadora, meio ironicamente, [...] já que nos primeiros anos de 1870 a metafísica era considerada fora de moda”. (WAAL, 2007, p.17). O estudo e a adoção do pragmatismo para o fazer filosófico se iniciaram nesse grupo no começo de 1870.

Eles não se consideravam fundadores do pragmatismo, afirmavam ser esse um método usado desde a Antiguidade. A intenção inicial do uso desse método era acabar com a quantidade de termos parecidos utilizados com significações diferentes na filosofia, ou de forma tão confusa que era impossível compreendê-los. Assim, nada mais eficiente que um método para ligar ao conceito os efeitos práticos concebíveis sobre ele. O pragmatismo era, para os integrantes do grupo, a escolha consciente de um método antigo.

Não há nada de novo absolutamente no método pragmático. Sócrates foi adepto dele. Aristóteles empregou-o metodicamente. Locke, Berkeley e Hume fizeram contribuições momentâneas à verdade por seu intermédio. Shadworth Hodgson insiste em que as realidades são somente *o que sabemos delas*. (JAMES, 1979, p.19).

Segundo Stroh (1972), Chauncey Wright (1830-1875) era o líder do grupo e exerceu muita influência sobre Peirce e James. As ideias – com enfoque positivista e científico – de Wright “[...] estabeleceram o cenário para o desenvolvimento do pragmatismo e do caráter analítico da moderna filosofia norte-americana”. (1972, p.97). Com a fundação do *The Journal of Speculative Philosophy* (1867) e reuniões do *Clube Metafísico*, a atividade filosófica estadunidense se desenvolveu muito e o pragmatismo, com seus principais representantes, Peirce, James e Dewey é hoje, muitas vezes, considerado uma grande contribuição dos Estados Unidos para a filosofia mundial.

Além de Peirce, James e Dewey, o pragmatismo teve também outros propositores, como Josiah Royce e George Santayana. Não há como falar em *um* pragmatismo, como um todo homogêneo, mas em *pragmatismos*. Essa redução dos pragmatismos a um só gerou interpretações errôneas do mesmo. Muitas críticas que surgiram em relação ao pragmatismo como um todo criticavam, na verdade, apenas uma das proposições. Trataremos a seguir dos principais equívocos relacionados ao pragmatismo, ocasionados tanto pela heterogeneidade do mesmo, quanto por outras razões, como veremos.

1.1.2 Interpretações equivocadas sobre o pragmatismo

As interpretações equivocadas sobre o pragmatismo reduziram, muitas vezes, seu significado à prática apenas, o que fez com que se tornasse comum chamar uma pessoa de pragmática, querendo dizer que ela é prática. Podemos encontrar, nos dicionários não especializados, que estão ao alcance de qualquer indivíduo, definições que podem levar a essa compreensão simplista do pragmatismo. O dicionário *Oxford*¹ define o pragmatismo como “o pensar em resolver problemas de forma prática e sensível, ao invés de resolvê-los a partir de ideias fixas e teorias” (tradução nossa). As definições do dicionário *Michaelis*² são:

1 Ênfase no pensamento filosófico na aplicação das ideias e das conseqüências práticas de conceitos e conhecimentos; filosofia utilitária. 2 Tratamento dos fenômenos históricos com referência especial às suas causas, condições antecedentes e resultados. 3 Consideração das coisas de um ponto de vista prático.

¹ Disponível em <<http://www.oxfordadvancedlearnersdictionary.com>>.

² Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/>>.

Já no dicionário *Aulete*³, as seguintes definições são encontradas:

1. Fil. Corrente de pensamento que considera a utilidade prática de uma ideia como o critério de sua verdade; filosofia utilitária. [Este sistema de ideias aplica-se esp. ao movimento filosófico que se baseia em conceitos dos norte-americanos Charles Sanders Peirce (1839-1914) e William James (1842-1910).] 2. Comportamento ou atitude, de pessoa ou grupo, que sempre busca resultados práticos, materiais, concretos: *Empresários querem uma política de pragmatismo*.

Essas definições podem facilmente levar o indivíduo a um entendimento raso ou equivocado do pragmatismo. O dicionário *Oxford* usa a palavra sensível na definição, o que pode dar a entender que a lógica está descartada (o que seria contrário ao método de Peirce, por exemplo). *Aulete* referencia Peirce e James na primeira definição, entretanto fala de uma “corrente de pensamento”, “sistema de ideias” e não usa a palavra método nenhuma vez. A segunda definição do *Aulete* se aproxima da terceira definição de *Michaelis*, que entende uma *atitude pragmática* como uma *atitude prática*.

Outro equívoco recorrente, segundo Tiballi (2003),

[...] é pensar o pragmatismo como simples elevação à categoria de filosofia daquilo que já era senso comum na sociedade americana. Essa compreensão subestima o “corpus” conceitual pragmatista e ignora o fato de que o nascimento de uma corrente de pensamento nunca se dá desgarrado das condições históricas em que foi engendrado. O pragmatismo surge no momento de consolidação da sociedade americana após a guerra civil; da institucionalização de suas universidades; da separação entre a Igreja e o Estado e no interior do movimento de instauração de um “Mundo Novo”, fundado na ciência e na tecnologia e ancorado na ideia de educação como fator de desenvolvimento.

Bertrand Russel, um dos primeiros críticos do pragmatismo, segundo Cornelis de Waal (2007), afirma que a visão pragmatista é muito estreita e não considera o universo em seu esplendor. São também comuns as críticas que apontam a relação entre o nascimento do pragmatismo e seu país de origem, os Estados Unidos. Elas interpretam como efeitos práticos do pragmatismo, as arrecadações materiais.

O pragmatismo é visto aqui como o reflexo de uma cultura em que o valor de uma pintura é determinado, e quantificado precisamente, num lance de leilão, e em que a grandeza de um filme ou produção teatral se iguala à sua arrecadação. O que não gera benefício material é sem sentido. (WAAL, 2007, p.20).

³ Disponível em <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>.

John Dewey, segundo Waal (2007), ridiculariza essas críticas que associam o pragmatismo aos traços do povo americano. Não que o pragmatismo não tenha surgido também a partir de um reflexo de um contexto da época, entretanto isso não é o mesmo que afirmar que ele não passa de um produto do capitalismo. Ademais, como dito, não há um, mas vários pragmatismos, que se distanciam em muitos aspectos.

Ao olhar para as características principais dos pensamentos de alguns desses pragmatistas é possível ter uma ideia desse distanciamento. Segundo Stroh (1972), Charles Peirce “[...] foi um pensador original que iniciou estudos sobre os fundamentos de lógica, sobre filosofia da ciência e sobre metafísica” (p.100); o pensamento de William James é “[...] dominado por uma orientação caracteristicamente humana e psicológica [...]” (p.160); os cernes do pensamento de John Dewey (1859-1952) “[...] são o instrumentalismo e o naturalismo, que se complementam um ao outro [...]” (p.298); para George Santayana (1863-1952), “os temas do naturalismo e do distanciamento são fundamentais a todo o [seu] sistema de pensamento [...]” (p.246); Josiah Royce (1855-1916) “[...] elaborou um sistema refinado de idealismo filosófico. [...]” (p.201). Sobre essas diferenças, conclui Tiballi (2003),

Se, por um lado, os pragmatistas trataram de temas comuns como o combate às filosofias especulativas; a abordagem da realidade do ponto de vista do pensamento, ou seja, do sujeito; a superação da filosofia contemplativa pela racionalidade científica e a formulação de uma nova concepção de verdade, por outro lado, estes temas foram abordados de maneira bastante diferenciada por cada um de seus propositores.

Não temos como objetivo, nesse trabalho, diferenciar todos os pragmatismos, porque nossas análises são realizadas a partir da reflexão de apenas dois deles. Focaremos, a seguir, nas diferenças que consideramos principais entre os pragmatismos de William James e Charles Sanders Peirce. Cabe ressaltar novamente que não é possível compará-los ponto por ponto, porque os dois são métodos diferentes, que não possuem os mesmos pontos e que se diferenciam, inclusive, quanto aos objetivos que buscam alcançar. Karl-Otto Apel (1997), no seguinte esquema gráfico (*gráfico 1*), ilustra de onde partem James e Peirce para chegarem aos seus pragmatismos.

A época do «Clube Metafísico» constitui certamente um marco na história da filosofia americana, mas representa um período ambivalente no desenvolvimento intelectual de Peirce, em que se entrecruzam duas tendências muito diferentes: uma, de Bain/Green e Ch. Wright, nos leva, através da fundação do pragmatismo por parte de Peirce (1871-1878), até as filosofias de James e Dewey. A outra, pelo

contrário, partindo do realismo da crítica do sentido do jovem Peirce e passando pelo período do nascimento do pragmatismo – que surgiu pela influência empirista-nominalista das discussões do clube – conduz finalmente a consolidação da filosofia *peirciana* no «pragmaticismo». (APEL, 1997, p.37, tradução nossa).

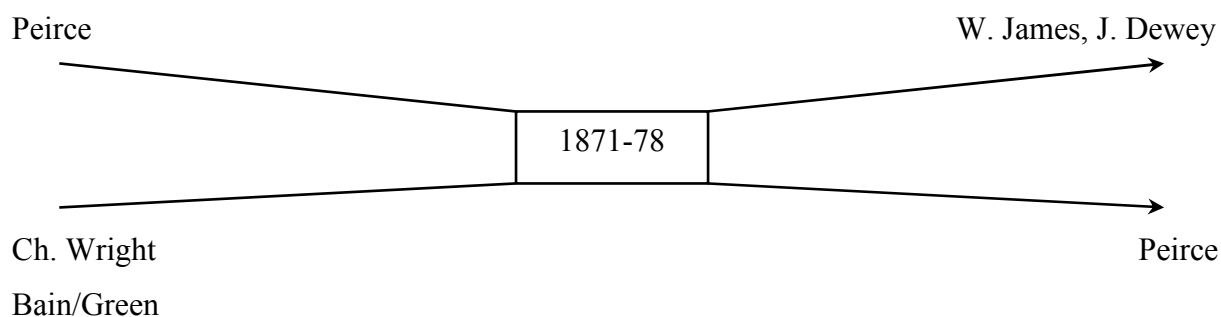


Gráfico 1 (1997, p.37)

Fica claro que, as interpretações equivocadas sobre o pragmatismo podem ser geradas quando ele é tomado como um todo, quando são ignorados os cursos das tendências, como os apresentados no *Gráfico 1*. No caso de James e Peirce, a confusão é recorrente, porque o pragmatismo de James parte do pragmatismo de Peirce, o que pode à primeira vista dar a entender que são muito parecidos. Essa impressão é errônea, os dois métodos se distanciam muito, como veremos a seguir.

1.2 O PRAGMATISMO DE JAMES E O PRAGMATICISMO DE PEIRCE

Como observado anteriormente, o pragmatismo teve diferentes desdobramentos. Nessa segunda parte, discutiremos as diferenças que delimitamos como principais entre os pragmatismos de James e de Peirce. Entenderemos os diferentes objetivos de aplicação dos métodos - um que busca a verdade e o outro, o significado; e, compreenderemos que o uso dos mesmos se dá em lugares distintos - um é método do dia-a-dia, do cotidiano do homem e o outro, é estritamente científico. Antes das características de cada pragmatismo, falaremos brevemente sobre os pragmatistas em questão, uma vez que, o contexto em que cresceram e a forma como conduziram seus estudos refletem em seus trabalhos.

1.2.1 Charles Sanders Peirce

Charles S. Peirce (1839-1914) nasceu em Cambridge, Massachusetts e morreu em Milford, Pensilvânia. Em 1851, Peirce encontrou no quarto de seu irmão o livro *Elementos de lógica*, de Richard Whately. Ele tinha apenas 12 anos quando leu o livro e a partir de então, a lógica passou a ser um grande interesse para Peirce.

Seu pai, Benjamin Peirce, matemático e professor de matemática em Harvard, deu a Peirce uma educação preparatória em matemática, ciência e filosofia. Em 1855, Peirce entra em Harvard, já familiarizado com muitas ideias científicas e filosóficas. “Seu pai ensinou-lhe a importância da ciência como descoberta, como um avançar das fronteiras do conhecimento, e incutiu-lhe também a importância do pensamento abstrato ou do poder de generalização da mente humana”. (STROH, 1972, p.102).

Ele estudou química, mas logo se interessou por matemática e filosofia. Estudou também geodésia, astronomia, física e outras. Depois de sua graduação em Harvard, em 1859, conquistou um posto como físico no United States Coast and Geodetic Survey. Peirce lecionou lógica em Harvard e na Universidade John-Hopkins. Em 1884 parou de exercer cargos. Publicou pouquíssimos estudos enquanto vivo, seu trabalho foi publicado em conjunto apenas a partir dos anos trinta.

Peirce, segundo Stroh, é o primeiro filósofo dos Estados Unidos a propor um método original em filosofia, o pragmatismo. “A obra pioneira de Peirce em pragmatismo e em lógica

se destaca como uma tentativa de fornecer à filosofia os métodos adequados para levar-lhe adiante a tarefa. O pragmatismo implica uma filosofia que sempre considere as conseqüências práticas, isto é, verificáveis”. (STROH, 1972, p.101). A filosofia, para Peirce, é uma forma de pesquisa científica, que deve estar desvinculada de propósitos religiosos, morais ou estéticos. A filosofia deve trabalhar com hipóteses a serem provadas e não com crenças conclusivas. Para que a pesquisa filosófica seja objetiva, Peirce propõe o pragmatismo como método para clarear os significados dos conceitos filosóficos. O método deve ser também capaz de testar as conclusões.

[Peirce] não só originou o pragmatismo e desse modo influiu no curso que a filosofia americana subsequente tomou, como também foi o principal responsável pelo fato de a filosofia na América ter ser voltado afinal para a pesquisa autônoma. Peirce foi um pensador original que iniciou estudos sobre os fundamentos de lógica, sobre filosofia da ciência e sobre metafísica. Conquanto sua obra permanecesse ignorada pela maior parte do mundo durante sua vida, ele obteve audiência de um pequeno grupo de destacados filósofos – particularmente de William James e Josiah Royce. (STROH, 1972, p.100).

Peirce pronunciou algumas conferências, mas permaneceu um filósofo praticamente recluso durante sua vida. O pouco reconhecimento que ele obteve em vida se deve aos esforços de William James, que atribuía a ele a origem do pragmatismo norte-americano. O pragmatismo se tornou mais conhecido graças a James, esse, entretanto modificou bastante o original *peirciano*. Devido ao diferente rumo que sua ideia inicial do pragmatismo havia tomado, com James e outros, Peirce resolveu mudar o termo para *pragmaticismo*. Voltaremos a esse assunto mais a frente.

1.2.2 William James

William James (1842-1910) nasceu em Nova Iorque. Seu pai, Henry James Sr., era um pensador criativo, segundo Stroh, “[...] chefe de uma família afetuosa e intelectualmente estimulante. Concedeu aos filhos a individualidade e liberdade mais amplos possíveis, ao mesmo tempo que os dotou de uma duradoura apreciação de ideias e de um senso da vital importância que têm”. (1972, p.153). A família de James era rica, estava em contato com a melhor cultura da época, era humanística, buscava conhecer a natureza humana, explorá-la, cultivá-la e desenvolvê-la. O pai de James estudou o homem e a religião durante sua vida e o

irmão de William James, Henry James, foi um romancista, cujas obras, “[...] revelam um estudo minucioso e engenhoso dos matizes psicológicos do caráter humano”. (STROH, 1972, p.153).

James ingressa na Escola Médica de Harvard em 1864 e se doutora em 1869. Tinha mais interesse no funcionamento do corpo humano que em exercer a prática da medicina. Estuda a mente humana e os problemas da psicologia por volta de 1875. É nessa época que passa a se reunir com Peirce, Chauncey Wright, Oliver Wendell Holmes Jr. e outros no *Clube Metafísico*. Leciona psicologia e filosofia em Harvard, no final da década de 70. Sua filosofia não tem bases na lógica, como a de Peirce, mas na psicologia. Escreve alguns livros sobre psicologia e funcionamento da mente, sendo o *Principles of Psychology* o mais famoso, que começa a escrever em 1879 e publica só em 1890.

As ideias de James sobre o pragmatismo começam a se formar com influências das ideias *peircianas*, entretanto distanciam-se completamente das primeiras. James busca uma filosofia que abranja a totalidade de problemas fundamentais do homem. “Este é precisamente o ponto em que transparece a íntima conexão existente entre a própria vida de James e sua filosofia. Seu interesse humano e sua busca pela psicologia levaram-no à filosofia *precisamente* em razão de lhe terem suscitado mais questões que resolver”. (STROH, 1972, p.156, grifo do autor). O contraste com o pragmatismo de Peirce é em grande parte devido ao caráter psicológico do pragmatismo de James.

[A personalidade de James] e seus interesses humanos reclamavam um gênero de filosofia que fizesse justiça aos mais profundos sentimentos religiosos, morais e humanos do homem. [...] Não confiava nos sistemas de filosofia que fossem puramente intelectuais ou que se tivessem por absolutos ou por completamente objetivos. A única filosofia que podia endossar era alguma que admitisse com franqueza sua base humana e que se fundasse nos sentimentos e convicções do próprio filósofo. (STROH, 1972, p.160).

1.2.3 Os diferentes objetivos e lugares de aplicação dos dois métodos

Vamos entender onde a máxima pragmática de James, que se desenvolve a partir da máxima de Peirce, se distancia da primeira. Enquanto, para Peirce, a concepção de um objeto é a concepção dos efeitos desse objeto, que possam ter consequências práticas; para James, a clareza de um objeto está nos efeitos práticos que o objeto possa envolver, na medida em que

essa concepção tenha alguma *significância positiva*. “Enquanto Peirce almeja relacionar o significado de uma ideia com os hábitos que a ideia ocasiona (que são *gerais*, não particulares), James relaciona o significado de uma ideia estritamente a particulares, isto é, a sensações e reações”. (WAAL, 2007, p.53, grifo do autor).

O pragmatismo de James interessa-se pelas conseqüências práticas de se acreditar que uma ideia é verdadeira e o pragmaticismo de Peirce interessa-se pelas conseqüências práticas de a ideia ser verdadeira. O pragmaticismo *peirciano* se distancia da interpretação subjetiva e orientada para a práxis, de James. Peirce é considerado por James o fundador do pragmatismo, e dedicou, inclusive, seu livro *A vontade de crer* (1896), a Peirce. Essa é uma das razões que levou Peirce a mudar o nome de seu método para *pragmaticismo*, com o intuito de evitar que fosse confundido com outros - como o pragmatismo de James -, que se afastam completamente de sua concepção original e objetivos.

Em *Como tornar nossas ideias claras* (1878), Peirce critica a busca de clareza de ideias dos lógicos a partir das definições de “ideias claras e distintas” e propõe então, um método para alcançar uma clareza de pensamento de grau superior, o método pragmático. Segundo Peirce, “[...] a ação do pensamento é excitada pela irritação da dúvida, e que cessa quando se atinge a crença; de modo que a produção da crença é a única função do pensamento”. (PEIRCE, 1878, p.6). A crença, para Peirce, “[...] primeiro, é algo de que nos damos conta; segundo, sossega a irritação do pensamento; e, terceiro, implica a determinação na nossa natureza de uma regra de ação, ou, numa palavra, de um hábito”. (PEIRCE, 1878, p.8). Não chegamos aos hábitos a partir de observação empírica, eles podem ser obtidos por experimentos mentais:

O que o hábito é [ou seja, aquilo em que consiste a regulação do comportamento], depende de *quando e como* nos leve a agir. Pelo que se refere ao *quando*, qualquer estímulo à ação se deriva da percepção, enquanto ao *como*, qualquer propósito de agir consiste em produzir um resultado sensorialmente perceptível. (PEIRCE apud APEL, 1997, p.105, tradução nossa).

Ele entende que, crenças que geram hábitos iguais, apaziguam as mesmas dúvidas, independentemente de como temos consciência delas. O que uma coisa significa são os hábitos que ela gera. “Assim, chegamos ao que é tangível e concebivelmente prático como sendo a raiz de qualquer distinção real do pensamento, independentemente de quão sutil ele for; e não há distinção de significado por mais fina que seja que não consista numa possível diferença prática”. (PEIRCE, 1878, p.12).

O método de Peirce é um critério de significação: “Considere quais efeitos, que poderiam concebivelmente ter conseqüências práticas, concebemos que tenha o objeto de nossa concepção. Então, nossa concepção desses efeitos é o todo de nossa concepção do objeto” (PEIRCE apud WAAL, 2007, p.52); já a máxima de James, a partir da máxima *peirciana*, amplia o pragmatismo, no sentido de levar o seu uso ao dia-a-dia:

Para atingir clareza perfeita em nossos pensamentos de um objeto [...] precisamos somente considerar quais efeitos de uma espécie concebivelmente prática o objeto pode envolver – quais sensações devemos esperar dele, e quais reações devemos preparar. Nossa concepção desses efeitos, então, é para nós o todo de nossa concepção do objeto, *na medida em que essa concepção tem alguma significância positiva*. (JAMES apud WAAL, 2007, p.52, grifo nosso).

Ademais, o método de James deixa de ser um método para determinar o significado das coisas, e passa a ser um método para encontrar a verdade das ideias:

Qualquer ideia que nos ajude a lidar, prática ou intelectualmente, seja com a realidade, seja com o que pertence a ela, que não embarace nosso progresso com frustrações, que de fato ajuste e adapte nossa vida à colocação total da realidade, concordará suficientemente para satisfazer a exigência. Ela será verdadeira daquela realidade. (JAMES apud WAAL, 2007, p.71).

O pragmatismo de James é nominalista, o significado de ideias, conceitos liga-se aos efeitos particulares deles e tais efeitos devem ser experimentais. James faz de seu pragmatismo passível de ser usado na vida individual das pessoas, no dia-a-dia. Já o pragmaticismo de Peirce é científico e realista. James afirma, inclusive, que, para a busca científica, o método de Peirce é mais recomendado. O pragmatismo de James deve se aplicar às questões em que o uso do intelecto não é suficiente para resolver, como afirma o próprio. Isso faz da verdade desse tipo de questões, algo particular.

Já a questão da verdade para Peirce pode ser entendida dentro de seu método de significação, ou seja, ela é um termo, dentre tantos outros, que pode ser significado a partir de seus efeitos práticos possíveis. Peirce aplica sua máxima pragmática ao conceito de realidade, que é ligado ao de verdade. A realidade é independente do que pensemos sobre ela e ao aplicar a máxima nessa primeira noção, Peirce conclui que a realidade “[...] consiste nos efeitos peculiares sensíveis que as coisas que fazem parte da realidade produzem. O único efeito que as coisas reais têm é causar crença, pois que todas as sensações que elas excitam irrompem na consciência sob a forma de crenças”. (PEIRCE, 1978, p.20). A verdade é a crença verdadeira e o objeto da crença verdadeira é a realidade. No pragmaticismo *peirciano*,

a verdade não é buscada na vida do homem (como ocorre no pragmatismo de James), mas nas vidas de gerações que se seguem.

Com isso, não queremos dar a entender que não existem pontos de contato entre Peirce e James, ou que esse último simplesmente não havia compreendido Peirce. De fato, tanto James como Dewey devem quase todas as novas figuras conceituais de sua filosofia às concepções de Peirce – freqüentemente em uma recepção quase literal –, mas extraem estas figuras conceituais do contexto «arquitetônico» da filosofia *peirciana* e lhe dão um novo acento (em cada caso diferente). (APEL, 1997, p.29, tradução nossa).

Não esgotamos toda a explicação dos pragmatismos de James e Peirce neste primeiro capítulo. Foram explicitados os pontos de divergência que consideramos principais para aprofundar, no segundo capítulo, o estudo do pensamento James, conforme realizamos a primeira análise; e, aprofundar, no terceiro capítulo, o entendimento do pragmaticismo de Peirce, conforme realizamos a segunda análise. Os pragmatismos se tornam mais claros na medida em que avançamos na compreensão da configuração da temporalidade de *Lola*, como começaremos a ver no próximo capítulo, com a primeira análise.

CAPÍTULO 2. A configuração da temporalidade-verdade de *Lola* a partir do pragmatismo de William James

Neste capítulo, a partir do método pragmático de William James e da *teoria instrumental da verdade* que dele se deriva, buscamos entender como se configura a temporalidade de *Lola* a partir de como ela a vivencia. O interesse se dá tanto em desvendar essa temporalidade de *Lola* como sujeito de ação, como fazê-lo sempre consciente do lugar de partida da análise, e assim avançar na compreensão do método pragmático de James, ao mesmo tempo.

A proposta não é realizar uma compreensão externa do que acontece, a vivência temporal de *Lola* não é estudada em comparação com a nossa vivência. A discussão não se dá em torno da questão de tempo cíclico, em espiral ou bifurcações temporais, todas essas, formas sobre as quais poderíamos encaixar o filme e justificar de determinada maneira com teorias que tratam do tempo. Optamos pela tentativa de entender, então, a configuração temporal própria de *Lola*, e com o pragmatismo, o faremos a partir da análise de sua ação.

James desenvolve algumas noções que justificam a aplicação de seu pragmatismo. Ele explica a crença a partir da vontade, o significado da verdade e desenvolve uma doutrina chamada empirismo radical que compreende o pragmatismo como método, como veremos. Assim, essas noções que se ligam ao pragmatismo de James serão tratadas para estudar a ação de *Lola*. A primeira parte deste capítulo explica o pragmatismo *jamesiano* e, na segunda parte, a análise é realizada.

O filme *Corra, Lola, corra* não é estudado como um todo, não estudamos o tempo do filme. São estudadas as ações de *Lola*. As situações escolhidas são aquelas passíveis de serem tratadas pelo pensamento *jamesiano*. Entenderemos que tipo de situações são essas, o que automaticamente justificará a escolha delas para a análise. A partir do que James entende como verdade e a partir da compreensão da fixação da crença pela vontade, avançaremos no entendimento da vivência temporal de *Lola*. Ademais, veremos que algumas ações de *Lola* podem ser analisadas a partir da compreensão da experiência na doutrina *jamesiana* do empirismo radical.

2.1 CONCEITOS DO PRAGMATISMO DE WILLIAM JAMES

2.1.1 Circunstâncias em que a crença pode ou não ser estabelecida pela vontade

William James afirma que, em determinadas circunstâncias, uma pessoa pode e deve acreditar em alguma coisa, mesmo sem comprovações intelectuais da veracidade da mesma. Em seu livro *A vontade de crer*, ele explica e argumenta quais são essas circunstâncias. Para tanto, divide tipos de hipótese e tipos de opção e, assim, limita os casos em que a crença a partir da vontade se justifica.

Ele nomeia *hipótese* qualquer coisa que possa ser proposta à nossa crença. A hipótese pode ser viva ou morta. Uma hipótese viva aparece como uma possibilidade real para a pessoa, já uma hipótese morta não entra como possibilidade na mente. Uma hipótese viva para uma pessoa pode ser morta para outra, ou seja, “[...] o caráter vivo ou morto de uma hipótese não é uma propriedade intrínseca, mas está relacionado ao pensador individual. É medido pela disposição do indivíduo para agir”. (JAMES, 2001, p.10).

A decisão entre duas hipóteses é chamada de opção. As opções são divididas em: vivas ou mortas, forçosas ou evitáveis, e muito importantes ou triviais. James chama de opção genuína aquela que é viva, forçosa e muito importante. Uma opção viva é realizada quando há duas hipóteses vivas em questão; uma opção forçosa é aquela que não pode ser evitada, não há possibilidade de escolher um caminho pelo qual não seja preciso decidir (como no caso da opção evitável); e uma opção muito importante é aquela em que a oportunidade em jogo é única, ou seja, a escolha é irreversível, ao contrário da opção trivial (insignificante, reversível).

Segundo James, sempre que uma opção em questão for genuína e não puder ser decidida sobre bases intelectuais, a pessoa pode e deve escolher entre proposições. Ele questiona a evidência objetiva como resultante de verdades, afirma que a própria convicção de se adotar uma evidência objetiva já é, na verdade, uma opinião subjetiva. A verdade está no desfecho, no resultado e o que decide a situação é para onde leva, não importando de onde parte, mas sim se “[...] a tendência total do pensamento continua a confirmá-la [...]”. (JAMES, 2001, p.30).

James concorda que o intelecto crítico não-passional deve ser priorizado em muitas situações, como no caso de descobertas científicas que não envolvam opções forçosas. A

liberdade de nossa natureza passional para decidir o que é verdade limita-se ao caso das opções genuínas. James discorda da posição daqueles que preferem não tomar partido sobre uma questão que não pode ser resolvida pelo intelecto, para evitar o erro, já que a escolha de uma verdade gera ações individuais mais satisfatórias e bem-estar para o crente.

Alguns dos casos em que acreditar de acordo com a vontade se justificam são chamados de profecias auto-realizáveis. Nesses casos, segundo James, “o desejo por uma certa espécie de verdade aqui produz a existência daquela verdade especial [...]”. (apud WAAL, 2007, p.59). Nesses casos, um posicionamento pessoal que visa uma melhoria de vida pode realmente transformar uma situação.

Ele cita o exemplo de um colega de trabalho que você acredita não gostar de você. Se você permanecer com essa crença, esperar uma prova objetiva para perceber se ele gosta de você ou não, provavelmente vai agir de forma distante com o colega e se acaso ele gostasse de você, aí sim vai passar a não gostar. Já se você passar a acreditar que o colega gosta de você, suas ações em relação a ele vão mudar, você vai tratá-lo bem e provavelmente, se ele não gostava de você, vai passar a gostar. Segundo James, acreditar que seu colega gosta de você só pode gerar conseqüências satisfatórias. A realidade poderá se modificar. Seu colega, se não gostava de você, passará a gostar.

Nem todas as opções genuínas (ou seja, vivas, forçosas e muito importantes), entretanto, são profecias auto-realizáveis. No estudo sobre *Lola*, trataremos de opções genuínas que não fazem parte desse grupo. Foi necessário explicar o que James entende por profecias auto-realizáveis para usá-las como contraponto às situações em que a crença de *Lola* é fundamental para determinar a forma como vai viver seu tempo.

2.1.2 O significado da verdade

Uma das justificativas para se acreditar em algo de acordo com nossa natureza passional, segundo James, é que os sistemas filosóficos são muitos e todos dizem oferecer bases sólidas, verdades, certezas sobre a realidade. Sobre a ciência, ele entende que, muitas vezes, as leis não passam de aproximações, afirma que a quantidade de formulações rivais é imensa e que nenhuma teoria é absolutamente uma transcrição da realidade. Dessa forma, entende as teorias na medida em que são úteis.

Para tratar de nossas ideias, James caminha na mesma linha desse seu entendimento sobre teorias científicas, ou seja, para ele, a verdade em nossas ideias são as próprias ideias (partes da experiência), que nos ajudam a ter relações boas com outras ideias. “Os novos conteúdos em si não são verdadeiros, simplesmente *aparecem* e são. A verdade é *o que dizemos a respeito deles*, e quando dizemos que aparecem, a verdade é satisfeita pela simples fórmula aditiva”. (JAMES, 1979, p.23).

James afirma que “o pragmatista fala a respeito de verdades no plural, sobre sua utilidade e caráter de satisfação [...]”. (JAMES, 1979, p.25). Segundo Karl-Otto Apel, James generalizou o pragmatismo até convertê-lo em uma filosofia ou visão de mundo humanista e subjetivista. (1997, p.223). O pragmatismo entendido como visão de mundo (além de método) relaciona-se com a *teoria instrumental da verdade jamesiana*. Essa parte do pensamento de James será vista mais a frente.

Para James, “[...] o teste último de o que uma verdade significa é, certamente, a conduta que dita ou inspira. Mas ela inspira aquela conduta porque prediz alguma virada particular à nossa experiência que nos deve invocar, a nós, exatamente aquela conduta”. (JAMES apud WAAL, 2007, p.62). Nominalista, James interessa-se pelos efeitos particulares para o alcance da verdade e tais efeitos devem necessariamente ser experimentais. Ele está preocupado com as consequências individuais de se acreditar que algo é verdadeiro.

A verdade é a relação entre ideia e objeto. Uma ideia é verdadeira se concordar com a realidade e falsa se não concordar com ela. Para ele, as crenças podem tornar verdadeiras algumas coisas. James não nega a existência do objeto. Entretanto, dizer que algo sobre o objeto é verdadeiro é adicionar uma informação útil. A verdade não está num objeto existente, mas na relação particular entre a ideia e esse objeto.

A verdade é uma relação porque não há para James um mundo pronto sobre o qual possa se falar em uma verdade única. Como as ideias são partes de nossa experiência, elas são verdadeiras ao nos proporcionarem relações satisfatórias com outras partes de nossa experiência.

O pragmatismo *jamesiano* olha para o futuro em busca de realizações, “não espera passivamente que as coisas aconteçam; antes, acredita em ajudá-las a se tornarem reais”. (STROH, 1972, p.159). Para poder chamar uma ideia verdadeira, é necessário assimilá-la, corroborá-la e verificá-la.

A verdade de uma ideia não é uma propriedade inerente a ela. A verdade *acontece* a uma ideia. A ideia se *torna* verdadeira, é *feita* verdadeira pelos eventos. Sua verdade é de fato um evento, um processo, o processo notadamente de se verificar a si

mesmo, sua *verificação*. Sua validade é o processo de sua *validação*⁴. (JAMES, 1979, p.113, grifos do autor).

A verdade do real não pode ser separada do humano. O processo de validação de uma ideia verdadeira se dá na ação, na prática. Dessa forma, se a ideia nos permite lidar com a realidade, se ela se ajusta às nossas necessidades, ela é então verdadeira, ou seja, concorda com a realidade.

Não é só a partir da cópia da realidade que podemos chamar uma ideia de verdadeira, o importante para James é que a verdade concorde com a realidade, como ele conclui:

Copiar uma realidade é, por certo, um jeito muito importante de concordar com ela, mas está longe de ser essencial. O essencial é o processo de ser guiado. Qualquer ideia que nos ajude a lidar, prática ou intelectualmente, seja com a realidade, seja com o que pertence a ela, que não embarace nosso progresso com frustrações, que de fato ajuste e adapte nossa vida à colocação total da realidade, concordará suficientemente para satisfazer a exigência. Ela será verdadeira daquela realidade. (JAMES apud WAAL, 2007, p.71).

Ainda sobre a concordância como realidade:

No sentido mais amplo, “concordar” com uma realidade *pode unicamente significar ser guiado ou diretamente a ela ou às suas cercanias, ou ser colocado em tal contato de trabalho com ela como para lidar ou com ela ou com algo ligado a ela melhor do que se [dela] discordássemos*. (JAMES apud WAAL, 2007, p.71, grifo do autor).

Para James, não há como afirmar que qualquer teoria seja a cópia correta da realidade. A única coisa que pode ser constatada é que as teorias científicas podem ser úteis. Dessa forma, trata as teorias de forma instrumental. Não as entende como respostas, mas como instrumentos de apoio. É por isso que James não entende a verdade como cópia da realidade ou como descrição de um mundo já pronto. Para ele, algo é verdadeiro desde que tenha consequências satisfatórias.

Não há, para James, uma realidade independente de nós, algo fora da experiência. Realidade é a realidade da experiência. Afirmar que algo é verdadeiro é acrescentar algo novo a esse fato. Ser verdadeiro não é uma propriedade nem da nova ideia (da ideia acrescentada),

⁴ Mas “*verificabilidade*”, acrescento, “é exatamente igual a verificação. Pois, completado um processo de verdade, existe um milhão de outros processos em nossas vidas que funcionam num estado de nascença. Eles nos conduzem para a verificação direta, nos conduzem às proximidades do objeto que lhes visam; e então, se tudo se processa harmoniosamente, ficamos tão seguros de que a verificação é possível que a omitimos, e estamos comumente justificados por tudo que acontece”. (N. do A.)

nem do fato, é a relação de concordância entre os dois, nunca uma cópia de uma realidade já completa. A crença verdadeira se ajusta à experiência individual, leva a ações bem-sucedidas. O mundo é moldado, pois agimos nele a partir de experiências individuais.

Henri Bergson (1859-1941), num ensaio para servir de prefácio à obra de James sobre o Pragmatismo, resume bem a definição de verdade *jamesiana*:

Se a realidade não é esse universo econômico e sistemático que nossa lógica gosta de se representar, se ela não é sustentada por uma armação de intelectualidade, a verdade de ordem intelectual é uma invenção humana que tem por efeito antes utilizar a realidade do que nela nos introduzir. E se a realidade não forma um conjunto, se ela é múltipla e móvel, feita de correntes que se entrecruzam, a verdade que nasce de uma tomada de contato com alguma dessas correntes – verdade sentida antes de ser concebida – é mais capaz que a verdade simplesmente pensada de aprender a armazenar a própria realidade. (2006, p.256).

2.1.3 A experiência no empirismo radical

Para chegar à sua explicação sobre o empirismo radical, James primeiro critica o racionalismo (acusando os racionalistas de escapismo, de não se importarem com o mundo das experiências e criarem sistemas planejados) e o empirismo (acusando os empiristas de não irem longe o bastante, aderindo ao materialismo e dispensando o que não é matéria sentida). O empirismo radical *jamesiano* “[...] é em essência pluralístico, pois franqueia a experiência à novidade e à mudança”. (STROH, 1972, p.188). É importante ressaltar que James não era relativista, como foi acusado por muitos críticos, ou seja, para ele, a verdade não é individual no sentido de que cada um tem sua verdade. James era pluralista. Aceitava que houvessem pontos de vista ilimitados sobre o real cambiante, desde que fizessem parte da experiência. O empirismo radical é dependente da experiência. Ele se diferencia do empirismo por não tender ao materialismo, é radicalmente empírico e não baseado em meras sensações.

O empirismo radical de James conduz [...] a uma visão do mundo de pura experiência que se torna diferenciada de uma ilimitada variedade de modos. Por mais alta ou profunda que seja a nossa investigação filosófica, sempre permanecemos dentro do cambiante campo da experiência. (STROH, 1972, p.193).

James não aceitava nada que estivesse fora da experiência:

Os conceitos, do mesmo modo que os perceptos fazem parte ativa da nossa experiência. E, para que os conceitos nos dêem conhecimento, devem situar-se dentro da nossa esfera de experiência, não tentando erroneamente ir além dela nem considerar todas as coisas como absolutamente unas. (STROH, 1972, p.188).

James considerou a teoria pragmática da verdade como um passo para fazer o empirismo radical prevalecer. O empirismo radical consiste num postulado: “[...] as únicas coisas questionáveis entre filósofos são coisas definíveis em termos da experiência” (JAMES, 1979, p.115), num enunciado de fato: “[...] relações conjuntivas, assim como disjuntivas, entre coisas, são simplesmente matérias da experiência direta particular, nem mais nem menos, do que as próprias coisas são” (JAMES, 1979, p.115), e numa conclusão generalizada: “[...] as partes da experiência são relacionadas coerentemente pelas relações que são também partes da experiência”. (JAMES, 1979, p.116).

Para James, a consciência não tem natureza diversa das coisas materiais. Segundo Stroh, James a classifica como mutável, seletiva, contínua e pessoal, sendo corrente, fluida (como um rio). As experiências podem se envolver umas nas outras e as relações entre experiências são também parte da experiência. Quando estamos conscientes de que experienciamos algo (e não simples experienciamos algo sem tomar consciência), vivemos uma experiência privada. As experiências mentais se dão a partir de existências mentais e funcionam em um contexto; as experiências físicas se dão a partir de existências físicas, e ocorrem em outro contexto.

A experiência pura é simplesmente o nosso campo de consciência que acaba por receber uma interpretação objetiva ou subjetiva. O campo original de consciência é neutro; não é nem objetivo nem subjetivo [...]. Contudo podemos nos tornar conscientes e atentar a algo em particular, como por exemplo a uma tempestade de neve. Mas se nos tornarmos consciente de nós próprios, podemos atentar para a nossa percepção da tempestade de neve. (STROH, 1972, p. 192).

Há uma diferença de função em cada um dos dois tipos de experiência, a pura (quando nos atentamos para uma tempestade de neve) e a experiência da experiência (quando tomamos consciência de nós mesmos nos atentando para a tempestade de neve). As experiências são pragmaticamente diferentes. A diferença entre o mental e o físico aparece na experiência apenas.

2.2 CONFIGURAÇÃO DA TEMPORALIDADE-VERDADE DE *LOLA*

2.2.1 Situações em que *Lola* pode acreditar

O fato de *Lola* acreditar em algo, em determinadas situações, independentemente de um caminho lógico para estabelecer a crença, é um dos pontos que permitirá compreender como ela configura seu tempo. Serão exemplificadas três situações em que *Lola* crê a partir de sua vontade e age de acordo com essas crenças.

Primeiramente é necessário entender cada uma das situações como ocasionadoras de uma opção genuína, ou seja, viva, forçosa e muito importante. Assim, é possível entender as opções como verdades individuais de *Lola*, verdades essas, fixadas pela vontade.

É importante notar que *Lola* não encara suas opções de crença como reversíveis. As opções com que ela se depara podem parecer reversíveis, mas isso só acontece se olharmos para o filme de fora de sua ação, porque ele nos apresenta três vivências diferentes. Entretanto, quando analisamos a ação de *Lola* podemos perceber que ela não faz escolhas encarando suas opções como triviais, as trata como se fossem únicas, são, portanto, para ela, opções muito importantes, não encaradas como reversíveis.

2.2.1.1 Quando *Lola* toma o tiro

A primeira situação em questão é quando *Lola* toma o tiro (*imagem 7*). Em seguida somos levados a um tempo indefinido em que *Lola* e seu namorado *Manni* conversam (*imagem 8*), ele pergunta se *Lola* quer deixá-lo e ela responde: “Não sei. Acho que tenho que me decidir”. Quando o filme retorna à cena do tiro, *Lola* diz: “Mas eu não quero. Não quero ir embora”. Ela se decide. Ela toma uma decisão naquele momento, relacionada a um outro tempo (de uma situação passada talvez, ou imaginada naquele momento). A pergunta desse tempo não localizado aparece viva no momento em que *Lola* está quase morrendo. *Lola* poderia abandonar ou não *Manni*, ela morreria ali ou não.



7. (0:31:09) *Lola* caída após tomar o tiro



8. (0:31:58) *Manni* e *Lola* conversam numa situação não localizada no tempo

A opção proposta a *Lola* na hora do tiro é viva, porque as hipóteses em questão são vivas: acreditar na impossibilidade de que pode viver (que tem como consequência abandonar *Manni* e morrer) ou acreditar na possibilidade de que pode viver (que tem como consequência ficar com *Manni* e viver). Pode parecer difícil entender a impossibilidade de viver como uma opção viva, mas ela é entendida aqui como o abandono a *Manni*, como uma resposta a uma pergunta de um momento não localizado no tempo que aparece ressignificada. Ou seja, antes evitável e trivial, depois forçosa e muito importante. *Lola* faz uma reflexão, considera as duas opções.

Se na situação em que *Manni* e *Lola* conversam, no tempo indefinido, a pergunta suscitada pode admitir uma resposta inconclusiva; nos minutos antes da morte, isso não mais poderia acontecer. Assim, além de viva, a opção é forçosa, *Lola* precisa decidir o que fazer, a situação exige isso. A opção é também muito importante porque irreversível: se não acreditar na possibilidade de que pode viver, *Lola* morre, se acreditar, vive. Por que *Lola* deve aceitar que morrerá se as consequências serão desastrosas? Ela age, portanto, de acordo com sua vontade.

A decisão de *Lola* está indiretamente ligada à possibilidade de acreditar que pode viver ou não e diretamente ligada à decisão de abandonar ou não *Manni*. A segunda é uma consequência da primeira. Mesmo que *Lola* não considere diretamente a questão *possibilidade ou não de viver*, ela o faz de certa forma. Ou seja, entendemos como possível a decisão de *Lola* de ficar com *Manni* como uma ação conseqüente do fato de ela acreditar que pode viver. Essa verdade de *Lola* faz com que a decisão de ficar com *Manni* seja passível de acontecer. Se *Lola* quer ficar com *Manni*, o melhor para ela é que acredite que pode viver, se acreditar que não pode, as consequências práticas para elas não serão satisfatórias, ou seja, não poderá ficar com seu namorado.

A questão de se acreditar na possibilidade de viver pode também parecer incoerente, como se essa não pudesse ser considerada uma possibilidade real. Ou seja, *Lola* teria que

morrer. É necessário que essa questão seja esclarecida para permitir o avanço. Segundo James:

Podemos nós, por qualquer esforço da vontade, ou por qualquer força do desejo de que isso seja verdade, acreditar que estamos bem quando nos encontramos na cama gemendo de reumatismo, ou sentir-nos seguros de que a soma das duas notas de 1 dólar que temos no bolso deve ser 100 dólares? Podemos *dizer* qualquer uma dessas coisas, mas nos é absolutamente impossível acreditar nelas; e exatamente dessas coisas é constituída toda a tessitura das verdades em que acreditamos – fatos estabelecidos, imediatos ou remotos, como disse Hume, e relações entre ideias, que existem ou não para nós na medida em que as vemos assim, e que, se não existirem, não poderão ser introduzidas por nenhuma ação de nossa parte. (2001, p.13).

Assim, não podemos sinceramente acreditar que teremos 100 dólares no bolso quando temos duas notas de 1 dólar, segundo James. Então como pode *Lola* acreditar que pode viver (para poder ficar com *Manni*) e isso realmente acontecer? Isso só acontece com *Lola* porque ela realmente acredita. Não por força do desejo ou esforço da vontade. Ela acredita que pode viver, porque isso permite a ela boas conseqüências, ou seja, que ela fique com *Manni*. Mas, não é o mesmo que acreditar que a soma de duas notas de 1 dólar é igual a 100 dólares, porque no caso de *Lola*, a possibilidade de viver é uma verdade para ela, é possível de acontecer, não só porque ela tem muita vontade de acreditar, mas porque ela acredita, como notamos em suas ações posteriores.

A configuração do tempo por *Lola* não deve ser entendida como manipulação temporal. Ela não controla o tempo, não tem poderes. A proposta é entender a temporalidade de *Lola* a partir da própria *Lola*, a partir de sua ação. Não estamos fazendo uma análise do tempo do filme em relação ao tempo da vida. Assim, se analisarmos a ação de *Lola*, entendemos que as escolhas tomadas se dão a partir da vontade, para gerar conseqüências futuras satisfatórias.

2.2.1.2 Quando *Manni* é atropelado

A segunda situação se passa quando *Manni* é atropelado (*imagem 9*). *Lola* também se depara com uma opção genuína. Ela pode acreditar que *Manni* morreu ou acreditar que ele não morreu. Também, nesse caso, somos levados ao que parece ser a mesma cena num tempo indeterminado, como na primeira vez. O casal conversa (*imagem 10*) sobre a possibilidade de

Manni morrer e *Lola* encontrar outro namorado. Dessa vez é a *Lola* desse tempo indeterminado quem diz: “*Manni...* mas você ainda não morreu” e *Manni*, morrendo, pergunta: “Não?”



9. (0:52:12) *Manni* depois do atropelamento

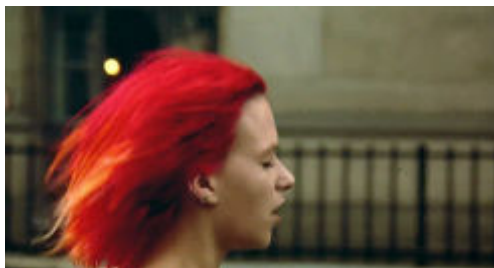


10. (0:52:47) *Manni* e *Lola* conversam, numa situação não localizada no tempo

Os pontos para caracterizar essa segunda situação como genuína são os mesmos da primeira situação, só que relacionados à morte de *Manni* dessa vez. Mas em ambas as situações *Lola* decide não se separar do namorado. Na primeira sua vontade é de não abandoná-lo (e, em consequência, ela não morre) e na segunda, sua vontade é de que ele não morra (e ele não morre).

2.2.1.3 Quando *Lola* pede ajuda

A terceira situação ocorre quando *Lola* corre de olhos fechados e pede ajuda (*imagem 11*). Ela pergunta: “O que posso fazer? O que devo fazer? Ajudem-me”. Um caminhão freia para não atropelá-la (*imagem 12*). Ela olha ao redor e vê um cassino (*imagem 13*), entra, aposta no número 20 duas vezes (*imagem 14*) e ganha os 100 mil de que necessita. Se *Lola* não enxergar o cassino como solução, ela não tem outra alternativa para conseguir o dinheiro em tão pouco tempo. Ela acredita que o cassino pode ser uma solução. Acredita que vai apostar no 20 e que vai ganhar os 100 mil, mesmo porque as consequências podem ser desastrosas se ela não acreditar nisso.



11. (1:03:33) *Lola* pede ajuda correndo de olhos fechados



12. (1:04:06) O caminhão freia para não atropelá-la



13. (1:04:30) Ela vê o cassino



14. (1:08:21) A bola da roleta pára no número 20 pela segunda vez

Essa terceira situação é também genuína porque *Lola* tem opções vivas, pode ou não acreditar que o cassino é uma solução e pode ou não acreditar que a roleta vai parar no número 20. O tempo curto faz da situação forçada. Se não acreditar que vai vencer, não conseguirá o dinheiro, o que faz da opção também muito importante. Entenderemos depois como o fato de *Lola* apostar no número 20 da primeira vez faz com que ela o faça pela segunda vez a partir do que James chama de verificação.

2.2.2 A verdade para *Lola*

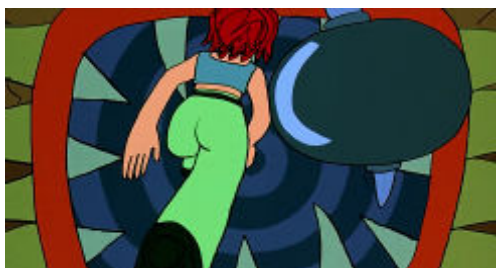
É possível entender a construção da temporalidade de *Lola* como uma verdade para ela que se forma a partir de uma experiência particular e conseqüentes verificações. Há um momento em que o guarda do banco parece participar do que *Lola* vive. Na terceira vivência de *Lola*, ele diz, quando ela chega ao banco: “Finalmente chegou, benzinho”. É como se ele soubesse que ela chegou mais cedo outras vezes. Eles se olham profundamente (*imagem 15*) e ela volta a correr. Esse é o único momento do filme em que outra pessoa parece ter acesso a essa temporalidade que sempre pareceu tão própria de *Lola*. Entretanto, tal situação pode ser

entendida ainda dentro da verdade de *Lola*. A forma como ela vivencia as situações são frutos de sua crença, de sua verdade, portanto, se o guarda pareceu ter algum tipo de acesso, esse, ainda se deu dentro da experiência particular de *Lola*.



15. (1:01:35) Guarda olha para *Lola* após dizer que ela finalmente chegou

Nas situações genuínas *Lola* teve o direito de acreditar de acordo com sua vontade porque a verdade de *Lola* não é a do tempo cronológico. No começo do filme, a animação de *Lola* entra na boca de um relógio (*imagem 16*). Seu tempo é outro. É aquele que ela verifica em sua ação. É um tempo do momento oportuno, um tempo relacionado muito mais à qualidade, à satisfação, do que à quantidade, do tempo que passa sem que o notemos.



16. (0:03:19) *Lola* entra na boca do relógio, nos créditos iniciais do filme

É necessário entender a vivência de *Lola* não como três vezes uma vivência de 20 minutos. Ela se desprende desse tempo. Sua vivência não são vivências como possibilidades de caminhos, mas uma vivência determinada por sua vontade. A verdade dessa vivência temporal de *Lola* é verificada pela própria em sua ação. Ela acredita em sua realidade temporal como verdade na medida em que, ao fazê-lo, a realidade só lhe devolve consequências satisfatórias. Essa temporalidade concorda com a realidade de *Lola*, com sua experiência particular satisfatória.

Em nossa análise, não há como compreender a primeira vivência como um flashback da segunda, ou as primeira e segunda vivências como flashbacks da última porque teríamos que aceitar que *Lola* vive o tempo cronologicamente ou nem isso, uma vez que os 20 minutos

são os mesmos nas três vezes, ou seja, teríamos que pensar num tempo concomitante e nas vivências como possibilidades, o que também não condiz com a forma como *Lola* age.

A temporalidade-verdade de *Lola* é de alguém que entra no tempo de forma antropofágica. Não no sentido de consequência, ou seja, não queremos dizer que ela teria sido engolida pelo tempo e por isso seria capaz de manipulá-lo. Pelo contrário. Por ser capaz de configurar sua temporalidade de acordo com sua vontade, ela corre em direção à boca do tempo, para ser engolida por ele e vivê-lo como quiser (como acredita). Não como consequência, mas a partir de uma relação com o tempo, configura o seu próprio tempo.

A verdade para *Lola* pode ser entendida “[...] como algo essencialmente atrelado à maneira como um dado momento em nossa experiência pode nos levar a outros momentos aos quais valerá a pena termos sido levados”. (JAMES apud WAAL, 2007, p.79). *Lola* crê que, se apostar no 20, vai ganhar, a realidade lhe responde com a vitória, ou seja, ela verifica na realidade uma comprovação de que estava certa e aposta de novo. São verdadeiras as ideias que levam *Lola* a direções que valem a pena. Ela verifica e reforça essas ideias em sua realidade a partir dos acontecimentos que vive.

Cornelis de Waal compara a noção de James da verdade como coerência (ou concordância) a um quebra-cabeça ainda em fabricação:

Em suma, a noção *jamesiana* de coerência não é uma questão de olhar para trás e tentar juntar as peças de um quebra-cabeça já existente (como aqueles comprados nas lojas), mas é o adequar conjuntamente peças de um quebra-cabeça que ainda está em fabricação, isto é, evoluindo sem qualquer plano preconcebido e sem a exigência de que deva representar qualquer coisa [...]. Além do mais, dentro desse processo, em alguma medida tem-se o controle de como as novas peças se parecerão, e, diferentemente de quebra-cabeças comprados em lojas, as novas peças podem forçar mudanças ao que já está na mesa. (2007, p.74).

A partir dessa comparação podemos pensar na situação em que *Lola* pede ajuda. O fato de *Lola* acreditar permitiu que ela visse o cassino com os olhos de quem crê. Se aquela não fosse uma verdade para ela (a certeza de uma ajuda que chega), o cassino ainda estaria ali, mas não significaria solução.

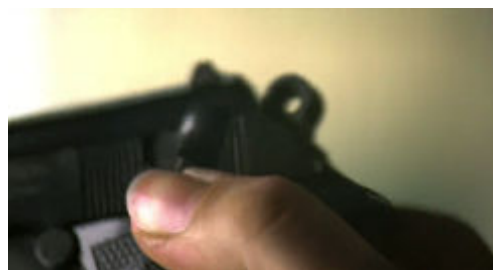
O quebra-cabeça da realidade de *Lola* evolui passo a passo com novas peças aparecendo e forçando mudanças. Não é uma questão de profecia auto-realizável, no sentido de que, se ela acreditar, a verdade provavelmente se tornará verdadeira; mas, é uma construção da verdade para se chegar à satisfação. Novas peças aparecem para *Lola* e forçam mudanças no quebra-cabeça.

2.2.3 As experiências de *Lola*

A partir da ação de *Lola* nas segunda e terceira vivências podemos entender como ela vive algumas situações. Quando ela pega a arma na primeira vivência (*imagem 17*), há apenas uma experiência, entretanto quando ela o faz na segunda vivência (*imagem 18*), *Lola* a destrava sem que ninguém tenha que explicar a ela como fazer (como *Manni* teve que fazer no primeiro contato dela com a arma). *Lola* está consciente da experiência com a arma, dessa forma, há uma experiência da experiência.



17. (0:28:48) *Lola* destrava a alavanca da arma após *Manni* ensiná-la como fazer



18. (0:43:27) *Lola* destrava a arma depois que o guarda fala que ela não sabe usá-la

Da primeira vez, a arma tem uma existência material, é um objeto da consciência. Mesmo que da segunda vez exista um contato físico com a arma, há uma percepção nova. As situações têm diferentes significados pragmáticos (são funcionalmente diferentes) e essa diferença está no âmbito da experiência. Na segunda vivência, a experiência da experiência pode ser percebida pela forma como ela age com a arma, consciente de seu contato com a mesma. Há outras situações em que isso acontece, como na terceira vivência, quando ela salta o cachorro na escada, ou quando ela desvia das pessoas automaticamente. Ele passa por uma experiência mental para agir de forma diferente.

Essa é uma forma de entender a situação numa primeira instância. É importante relembrar que falamos em primeira vivência, segunda, terceira, porque, no filme, elas são sucessivas (no tempo filmico), mas não pensamos num *sucessivo cronológico* quando tratamos da vivência de *Lola*. O sucessivo pode existir, como dito, como possibilidade de perceber uma *Lola* consciente de estar consciente de usar a arma, mas isso não significa que ela tenha usado a arma numa situação anterior no tempo.

Como dito anteriormente, não cabe em nosso estudo justificar as ações de *Lola* como conseqüências de flashbacks, ou seja, aceitar que ela sabe como usar a arma por ter passado

por uma situação *temporalmente* anterior, em que manuseia uma. Isso porque, a partir da análise de suas ações, não podemos concluir que *Lola* age a partir de uma memória de uma situação anterior idêntica. Não tratamos também das vivências como três possibilidades, caminhos que se bifurcam, porque ela vive algumas situações pontuais, como vimos, com uma consciência diferente graças a uma vivência que não é necessariamente anterior no tempo.

Podemos também entender a relação de *Lola* com a arma num segundo momento como uma crença de que saberia destravá-la e assim a questão de uma vivência *anterior* deixa de ser uma questão. O objetivo final de *Lola*, conseguir o dinheiro para *Manni*, será conquistado porque acreditar na impossibilidade dessa conquista pode trazer conseqüências trágicas para *Lola*. Assim, quando o carro do Sr. Meyers sai da garagem e *Lola* passa por cima dele (*imagem 19*), esse fato, como parte de sua ação, serve para que ela se atrase tempo o suficiente para que os acontecimentos posteriores se configurem. O Sr. Meyers não bate o carro, graças à ação de *Lola*, o que faz com que ele encontre o pai dela e ela consiga resolver a situação de outra forma (no cassino) que não através do dinheiro do pai.



19. (0:57:56) *Lola* em cima do carro do Sr. Meyers

Se *Lola* sai de casa acreditando que vai conseguir o dinheiro para *Manni* e constitui sua temporalidade-verdade em vista das conseqüências satisfatórias futuras, tudo o que acontece é para que a verdade de *Lola* se verifique. Assim, tudo é parte da experiência individual de *Lola*. Se ela intercepta o carro do Sr. Meyers minutos mais cedo ou mais tarde, isso se dá para que as ações posteriores se configurem de forma que se cumpra seu objetivo.

A partir do entendimento dos conceitos que justificam o pragmatismo de James, como as situações em que podemos acreditar de acordo com a vontade, o significado da verdade como concordância com a realidade e o entendimento da experiência em sua doutrina do empirismo radical, a temporalidade de *Lola* pode ser compreendida. No capítulo seguinte, vamos entender como se configura essa temporalidade a partir do método de Peirce, pegando como principal conceito para a análise, a teleologia.

CAPÍTULO 3. A configuração da temporalidade de *Lola* a partir do pragmatismo de Charles S. Peirce

Neste terceiro capítulo, buscamos compreender o pragmatismo de Peirce e a partir dele, entender a configuração da temporalidade de *Lola*. Karl-Otto Apel (1997) divide historicamente o pragmatismo de Peirce em quatro períodos. Essa divisão, segundo o autor, permite entender a evolução histórica da filosofia de Peirce. O primeiro, de 1855 a 1871, desde quando o filósofo começa a estudar Kant, aos 16 anos, até concluir provisoriamente sua análise sobre a tradição filosófica. Nesse período, segundo Apel, a máxima pragmática da clarificação do sentido já se antecipa em um ensaio. No segundo período, de 1871 a 1883, Peirce obtém reconhecimento público, desde a criação do *Clube Metafísico* até deixar de ser docente da Universidade John Hopkins. Os artigos *A fixação da crença* (1877) e *Como tornar nossas ideias claras* (1878) são publicados e considerados partidas de nascimento do pragmatismo.

O terceiro período, de 1883 a 1893 ou a 1902, engloba os anos em que Peirce trabalhou solitário, desenvolveu vários estudos sobre lógica e metafísica e concluiu a arquitetura definitiva de seu sistema filosófico, segundo Apel. “A publicação filosófica central desse período é uma série de seis artigos sobre metafísica (*The Monist*, 1891-93), na qual descreve os aspectos essenciais da cosmologia evolucionista – «Tiquismo», «Sinequismo» y «Agapismo»”. (APEL, 1997, p.39). O quarto período, de 1898 ou 1902 até 1914, abarca a época da discussão internacional sobre o pragmatismo. Nesse período, Peirce conclui sua visão definitiva sobre o método pragmático.

Não há a intenção, nesse trabalho, de estudar profundamente cada um desses períodos, mas um entendimento geral do pensamento de Peirce e uma localização do pragmatismo dentro desse sistema filosófico se fazem necessários porque, se retirado de seu contexto, o pragmatismo corre o risco de ser mal compreendido e distorcido.

Veremos o que é crença para Peirce e quais são as quatro formas de fixá-la. Depois estudaremos seu pragmatismo a partir do conceito que consideramos principal para possibilitar a análise da ação de *Lola*: a teleologia. Naturalmente surgirão comparações entre o pragmatismo de James e o pragmatismo de Peirce, deixaremos, porém, para aprofundar essa parte no capítulo 4, no qual serão feitas articulações entre as duas análises e conseqüentemente, sobre seus métodos.

3.1 CONCEITOS DO PRAGMATICISMO DE CHARLES SANDERS PEIRCE

3.1.1 O que é crença e as quatro formas possíveis para fixá-la

Peirce distingue, em *A fixação da crença* (1877), o estado de dúvida e o estado de crença. Ele afirma que há uma diferença prática entre os dois estados. “O sentimento de crença é uma indicação mais ou menos segura de se encontrar estabelecido na nossa natureza algum hábito que determinará as nossas ações. A dúvida nunca tem tal efeito”. (PEIRCE, 1877, p.7). Além disso, a dúvida é sempre um estado desconfortável, de inquietação, do qual queremos nos ver livres, enquanto a crença é um estado de tranquilidade, satisfação, ao qual nos agarramos veementemente.

Assim, tanto a dúvida como a crença têm efeitos positivos sobre nós, embora muito diferentes. A crença não nos faz agir imediatamente, mas coloca-nos numa posição em que nos comportaremos de certa forma, quando surge a ocasião. A dúvida não tem qualquer efeito deste tipo, mas estimula-nos a agir até que é destruída. (PEIRCE, 1877, p.7).

A irritação da dúvida leva a uma necessidade de se estabelecer uma crença. Para tanto, é necessário que a dúvida seja problematizada. Essa problematização é chamada por Peirce de *inquirição*.

Alguns filósofos tinham imaginado que para começar uma inquirição era apenas necessário formular uma questão ou escrevê-la num papel, e recomendaram-nos mesmo que iniciássemos os nossos estudos questionando tudo. Mas o mero fato de colocar uma proposição na forma interrogativa não estimula a mente para que se afadigue em busca da crença. Deve existir uma dúvida real e viva, e sem ela toda a discussão é ociosa. (PEIRCE, 1877, p.9).

O objetivo único da inquirição é fixar uma crença. “Logo, com a dúvida a luta [para atingir um estado de crença] inicia, e com o cessar da dúvida termina”. (PEIRCE, 1877, p.8). A crença pode, segundo Peirce, ser estabelecida a partir de quatro métodos, o método de tenacidade, de autoridade, *a priori* e o científico. Cada um dos métodos tem suas vantagens e desvantagens. Peirce não fala de um método melhor que o outro, mas entende o método científico com o único capaz de alcançar a verdade.

Com o método da tenacidade, a opinião é estabelecida a partir de uma simpatia com a crença, ou seja, o indivíduo agarra-se a uma crença que lhe convém e nega todas as contrárias. Não há como objetar que tal procedimento é irracional, segundo Peirce, porque ele não se propõe a ser racional. Peirce exemplifica:

Quando uma avestruz enterra a cabeça na areia assim que um perigo se aproxima, muito provavelmente toma a decisão mais feliz. Esconde o perigo e depois calmamente diz que o perigo não existe; e se sente segura de que não existe nenhum perigo, para quê levantar a cabeça para ver? Um homem pode passar a vida, sistematicamente mantendo fora do seu campo de visão tudo o que poderia causar uma mudança em suas opiniões, e se consegue ser bem sucedido [...] não vejo o que possa ser dito contra o fato de o fazer. (1877, p.10).

Peirce afirma que é muito difícil manter esse método, pois o impulso social atua contra ele. É provável que o homem que estabelece suas crenças pelo método da tenacidade se depare com outros homens que possuam opiniões tão boas quanto às suas e isso abale suas crenças, em algum momento. O método de autoridade seria, portanto, mais eficiente porque passa para as instituições o poder de decidir pelos indivíduos. Elas fixam crenças, as ensinam, reiteram e derrubam outras.

O método de autoridade “[...] tem sido, desde os tempos mais remotos, um dos meios principais de sustentar doutrinas teológicas e políticas corretas, e de preservar o seu caráter universal ou católico”. (PEIRCE, 1877, p.12). Esse método obtém muito mais sucesso que o da tenacidade. Entretanto, há indivíduos que questionam o fato de acreditarem em algumas coisas apenas por de terem sido ensinados a acreditar nelas e passam a criticar a adesão à crenças sem reflexão. Eles afirmam ser necessário um método para a escolha das crenças.

Segundo Peirce, esses indivíduos adotam proposições que parecem conformes à razão. Tais proposições não envolvem experiências, se baseiam apenas naquilo em que estão inclinados a acreditar, naquilo que parece se desenvolver em harmonia com as causas naturais. Esse método, chamado de método *a priori*,

[...] é bem mais intelectual e respeitável do ponto de vista da razão que qualquer um dos outros que aqui observamos. Mas o seu falhanço foi o mais manifesto. Faz da inquirição algo semelhante ao desenvolvimento do gosto; mas o gosto, infelizmente, é sempre mais ou mesmo um assunto de moda, e conseqüentemente os metafísicos nunca chegaram a fixar qualquer acordo. [...] (PEIRCE, 1877, p.15).

Assim, para “[...] satisfazer as nossas dúvidas, é necessário que seja encontrado um método pelo qual as nossas crenças não possam ser causadas por algo humano, mas por uma

permanência externa – por algo sobre o qual nosso pensamento não tem efeito”. (PEIRCE, 1877, p.16). Esse método, chamado de método da ciência, deve ser capaz de levar todos os homens a possuírem a mesma opinião, uma vez que a concepção de verdade não é algo individual. É o único dos métodos que distingue o certo do errado e o faz a partir da própria aplicação do método.

[...] Existem coisas reais, cujas características são inteiramente independentes das nossas opiniões acerca delas; essas realidades afetam os nossos sentidos de acordo com leis regulares, e embora as nossas sensações sejam tão diferentes como o são as nossas relações aos objetos, contudo, tirando proveito das leis da percepção, podemos descobrir, através do raciocínio como as coisas realmente são; e qualquer homem, se possuir suficiente experiência e raciocinar o suficiente sobre o assunto, será conduzido à única conclusão verdadeira. (PEIRCE, 1877, p.16).

A opinião estabelecida pelo método científico coincide com os fatos, mas isso não faz do método melhor que os outros. Cada método possui suas vantagens. O método da tenacidade, por exemplo, não se baseia na razão e segundo Peirce, os homens que se utilizam desse método para estabelecer suas crenças são decididos, não perdem tempo para escolherem o que querem. O método científico é o único, porém, que lida com a realidade.

3.1.2 Teleologia

O pragmatismo de Peirce restringe a validade dos conceitos às experiências possíveis. Não admite as coisas-em-si incognoscíveis. Segundo Karl-Otto Apel, Peirce propõe uma “[...] metafísica realista cujos postulados hipotéticos são todos em princípio falseáveis, mas cujos conceitos gerais devem poder mostrar «in the long run» sua validade objetiva: pois não podemos pensar no «real» mais que como aquilo que é «cognoscível»”. (1997, p.32, tradução nossa). Para fundamentar essa metafísica, Peirce situa

[...] o princípio metodológico da «máxima pragmática» no contexto de uma lógica normativa da ciência, a qual pressuporia, por sua vez, por uma parte, as disciplinas normativas da ética e da estética e, por outra, uma doutrina fenomenológica das categorias. A metafísica [...] devia satisfazer os seguintes três postulados [...]: 1. Enquanto Tiquismo deveria conceder certa margem ao azar («chance»), que só se eliminaria no caso limite ideal de uma completa encarnação da razão nos «habits» da «community», 2. Como Sinequismo deveria mostrar a realidade dos universais (a

validade objetiva das generalizações indutivas «in the long run») enquanto que idênticas à «continuidade» na evolução. 3. Como Agapismo deveria fundamentar a atração do «evolutionary love» por meio da «causa final» do *sumum bonum* ou, para formulá-lo esteticamente, da «ordem harmônica». (APEL, 1997, p.34, tradução nossa).

A explicação de Apel coloca a máxima pragmática como parte de um todo. Ela se situa no contexto de uma lógica normativa da ciência. Quando James proclama o pragmatismo como filosofia independente e o entende fora da arquitetura *peirciana*, ele o amplia, altera e muda o contexto de uso. O pragmatismo é melhor compreendido quando estudado dentro do todo do pensamento de Peirce. Não há, entretanto, a ambição de abarcar esse todo no presente trabalho, mas ao tratar de alguns pontos ligados ao pragmatismo (teleologia, principalmente), acreditamos ser possível que o método seja usado e compreendido sem distorções.

Segundo Peirce, toda a ação requer um *fim* que é algo próximo a uma *descrição geral*. A partir dos resultados dos nossos conceitos (para apreendê-los corretamente) podemos chegar à ideias gerais como verdadeiras intérpretes do nosso pensamento. Peirce entende que:

[...] apenas em última instância os fatos práticos são úteis na medida em que proporcionarem o desenvolvimento da racionalidade concreta; de forma que o significado do conceito não reside de forma alguma em reações individuais, mas na contribuição oferecida àquele desenvolvimento. (1983, p.6).

A finalidade está no processo evolutivo e não nas reações individuais. Certas linhas de conduta implicam experiências inevitáveis. Para compreender o significado de uma concepção, há que se considerar a soma dessas experiências inevitáveis (consequências práticas possíveis) resultantes da verdade da concepção.

Para a análise da vivência de *Lola*, trataremos da vetorialidade dos signos (teleologia) e a partir daí, compreenderemos o azar, o imprevisto, a generalização, a continuidade, a causa final e a causa eficiente. Fernando Andacht (2001), num artigo⁵ sobre a coincidência do pensamento de Peirce e de Jorge Luis Borges, estuda o fato de ambos se aprofundam na reflexão sobre o poder autônomo dos signos sobre os desígnios humanos, mais especificamente nos escritos que tratam da teleologia, ou seja, a “[...] capacidade de apontar

⁵ **Un encuentro no fortuito entre Borges y Peirce.** Semiosfera: Revista de Comunicação e Cultura. Ano 1, n.1, outubro. 2001. Disponível em: <<http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/antiores/semiosfera01/representacao/frsimb1.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2011.

para o futuro e de organizá-lo de um modo geral e aberto tanto ao possibilismo do azar como ao duro golpe do imprevisto”. (tradução nossa).

Segundo Andacht, a dimensão teleológica da semiose é um aspecto pouco discutido da doutrina dos signos *peirciana*. Teleologia é a direcionalidade de um signo para o futuro, o que permite que ele cresça e surja pelo desenvolvimento a partir de outros signos. Conforme esses signos são usados, seus significados crescem e as tramas do universo se complexificam.

A reflexão teórica que realiza Peirce sobre o modo de funcionar do sentido, segundo Andacht, incide sobre o fato desde o futuro. Os signos que poderiam se combinar com quaisquer outros, são pelos seres humanos combinados de uma determinada maneira (graças a um propósito). Isso explica a vigência social de alguns signos e não de outros. O propósito é um desejo operativo sempre geral. Essa generalidade constitui a força dos signos. “Ao destino agradam as repetições, as variantes, as simetrias” (BORGES apud ANDACHT, 2001, tradução nossa), porque uma ideia, como *ser in futuro* não nasce de uma ou outra mente, mas a encontra. Segundo Peirce (apud ANDACHT, 2011, tradução nossa): “uma causa final pode conceber-se como funcionando sem haver sido o propósito de nenhuma mente: esse suposto leva o nome de destino”.

O sentido é um processo interminável e nunca um objeto acabado para sempre, para Peirce. A vetorialidade futura dos signos se dá em direção a um final, mas não no sentido de um determinismo. Não há um fim último, definitivo, mas sempre mudanças, crescimento. A ideia não pertence à alma, mas o contrário, afirma Peirce. Na semiose humana “[...] ocorrem muitas coisas que intersectam de modo decisivo esse vetor inicial – telos objetivo – e lhe imprimem diversas dinâmicas com inesperados resultados, giros, retrocessos e saltos – telos subjetivo”. (ANDACHT, 2001, tradução nossa). Há uma diferença entre o movimento teleológico aberto e o telos concreto (produto final). A estrutura da significação é teleológica sem um telos, ou seja, não há um fim concreto, mas ela avança em direção a um futuro.

A causa final é a forma de produzir fatos de caráter geral, sem determinar a forma particular que serão produzidos. A causa final é lei, tendência. Por outro lado, há a causa eficiente, que é a execução compulsiva e pontual da tendência própria de uma lei. O pragmaticismo é o método que permite compreender a causa final a partir da análise da causa eficiente. No campo de ação da causa eficiente, há o azar e os acidentes (imprevistos), são eles que explicam o crescimento dos signos. Buscaremos melhor compreender esse crescimento sêmico na análise seguinte.

3.2 CONFIGURAÇÃO DA TEMPORALIDADE DE *LOLA*

3.2.1 Como *Lola* fixa suas crenças

Se entendermos que *Lola* age de acordo com sua vontade ao configurar sua temporalidade, concluiremos que ela compreende e vive sua temporalidade a partir do método da tenacidade. Ou seja, partiríamos da hipótese de que o que *Lola* acredita não necessariamente coincide com a realidade, para Peirce. A escolha (mesmo inconsciente) do método da tenacidade para fixar crença não é problemática em si, uma vez que esse é um método dentre outros métodos válidos para estabelecer crenças. Tem suas vantagens e desvantagens.

Podemos também, pensar no método da autoridade quando *Lola* pede ajuda de olhos fechados enquanto corre. Poderíamos dizer que ela acredita que a solução lhe seria dada por uma entidade fora dela. Uma consequência do uso desse método é o fato de ela enxergar o cassino como solução, “mostrada” por essa força externa que ela crê, que responde ao seu chamado, faz com que o caminhão pare antes de atropelá-la e conseqüentemente faz aparecer o cassino em seu campo de visão (*imagem 20*). Mas, não há como saber se, nesse caso, quando ela pede ajuda, ela o faz para uma entidade ou para si mesma (o que nos levaria de novo ao método da tenacidade). A partir das ações de *Lola* nessa situação podemos entender que ela não enxerga a sequência de acontecimentos como acasos, uma vez que entra no cassino ao entendê-lo como a ajuda que chega.



20. (1:04:23) *Lola* vê o cassino

Se nos limitássemos à vontade de *Lola* e à sua conseqüente configuração de verdade-temporalidade a partir dessa vontade, não mais caminharíamos com o pragmatismo de Peirce, uma vez que ficaríamos presos à conclusão de que o método de *Lola* para estabelecer

crença é o método da tenacidade (e talvez de autoridade). É necessário, portanto, sairmos da ação de *Lola* para depois, retornarmos a ela. O contato de *Lola* com o real deve ser entendido considerando as manifestações de realidade, resistências e não sua vontade apenas.

Para o pragmatismo *peirciano*, o interesse está nas conseqüências de alguma coisa ser real, independentemente de acreditarmos na verdade dessa coisa ou não. Dessa forma, mesmo que seja possível entender as ações de *Lola* configuradas a partir do método da tenacidade e talvez de autoridade, não podemos limitar a análise apenas a essa possibilidade de compreensão. Por isso, buscamos outros conceitos do pensamento *peirciano* que se ligam ao seu método pragmático.

3.2.2 O teleológico em *Lola*

As frases que aparecem no início do filme, escritas na tela preta, são “depois do jogo é antes do jogo” (0:00:32) e “nós nunca deixamos de buscar, e ao fim de todas as buscas, voltamos ao ponto de partida e compreendemos pela primeira vez esse lugar” (0:00:28). É possível relacionar as frases com o modo de funcionar do sentido segundo Peirce, que incide sobre o fato desde o futuro. Na primeira frase, o fim do jogo *está*; a causa final já existe, independentemente de como a causa eficiente se concretize.

A segunda frase pode ser relacionada com o que Peirce entende como um propósito (sempre geral) que se realiza sem que a mente esteja plenamente consciente, uma vez que há uma busca, há um fim (não concreto) em direção a um futuro. Só nos damos conta da causa final (como compreensão do ponto de partida) depois da materialização do propósito em ações (finais das buscas, causa eficiente). É importante lembrar que o propósito não está nas reações individuais, mas que elas são úteis quando proporcionam desenvolvimento da racionalidade concreta.

Vamos analisar algumas situações em que é possível pensar na vetorialidade do signo. Quando *Lola* está no cassino, um funcionário solicita que ela se retire, ela pede para jogar só um jogo mais (*imagem 21*). Se pensarmos na frase “depois do jogo é antes do jogo” e na concretização do destino (propósito geral) nas ações (não individuais, mas nas ações possíveis, materializadas na ação de *Lola*), podemos entender o modo de funcionar do sentido, que incide no fato desde o futuro. Não é uma questão de determinismo. A bola da roleta pára no número 20 da mesma forma como poderia parar em outro número. A questão é

que a situação é compreendida de acordo com a forma que estamos preparados para compreendê-la. Sobre isso, Peirce exemplifica com o fato de acordarmos na hora em que gostaríamos. Segundo ele, pensamos assim porque estamos preparados para pensar assim.



21. (1:07:12) *Lola* pede só mais um jogo

A ação dos propósitos justifica a vigência de alguns signos e não vigência de outros. Como escreve Jorge Luis Borges em *A trama*, “ao destino agradam as repetições, as variantes, as simetrias” (apud ANDACHT, 2001, tradução nossa), ou seja, se o fim do jogo está no começo do jogo, *Lola* age para que se cumpra um propósito geral, como no conto de Borges, em que o personagem morre para que se cumpra uma cena. O que acontece no caminho de *Lola*, como ações individuais, pouco importa. Mas para compreendermos os acidentes de percurso e o azar, algumas ações podem ser analisadas.

Enquanto a causa final é a Terceiridade, é a lei que aponta para o futuro, a causa eficiente é cega e automática, segundo Andacht. O pragmaticismo de Peirce nos ensina que os efeitos possíveis de algum conceito totalizam o significado do conceito. *Lola* é o veículo de uma causa final. As ideias não são criações de uma ou outra mente, são as ideias que têm o poder de encontrar ou criar seus veículos, segundo Peirce.

Realizar a análise de como *Lola* configura sua temporalidade a partir do pragmaticismo de Peirce, sem nos limitarmos a justificar suas ações pelo método da tenacidade, parece possível quando tentamos entender como alguns signos crescem durante o trajeto de *Lola*.

Junto com a Categoria chamada de Terceiridade, a que dá conta da generalidade, da lei como tendência final, daquilo que “seria” (would be), de cumprir certas condições, funciona ademais a categoria da imaginação ou Primeiridade e a da realidade bruta e cega ou Secundidade. (ANDACHT, 2001, tradução nossa).

O objetivo da tabela seguinte é facilitar a visualização dos acontecimentos na vida de *Lola*. Os números 1, 2 e 3 da tabela, na primeira coluna, representam as três seqüências que

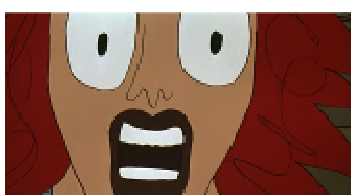
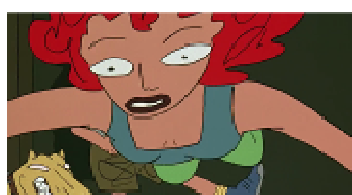
Lola vive, na ordem em que são apresentadas no filme. A primeira linha é formada de alguns dos elementos que se repetem ao menos duas vezes nessas seqüências. Para chegar à compreensão da Terceiridade (causa final) é necessário levar em consideração a Primeiridade e a Secundidade:

Há uma marcada irrelevância do modo concreto – campo de ação da causalidade eficiente – em relação com o obrar generalizante da causa final. É o tipo ideal para onde se direciona o único que na verdade importa, e não o modo concreto, compulsivo, que determina a implementação existencial, por meio da qual se plasma tal tipo ou característica geral no mundo ou na imaginação humana. Interessa destacar, não obstante, que é precisamente nas “variantes” que tanto o azar – categoria da Primeridade semiótica – ou os diversos acidentes efetivamente que acontecem no cumprimento da lei – categoria da Secundidade – os que darão origem com o tempo a novos tipos, a outras tramas, o que definitivamente explica a mudança, o constante crescimento dos signos no universo. (ANDACHT, 2001, tradução nossa).

	Cachorro na escada	Pai	Arma	Carro do Sr. Meyers	Como/Onde consegue o dinheiro	Morte
1	<i>Lola se assusta</i>	Pai enfrenta <i>Lola</i>	<i>Lola</i> não sabe usar	<i>Lola</i> passa em frente ao carro	Assalta supermercado	<i>Lola</i> morre
2	<i>Lola tropeça</i>	<i>Lola</i> enfrenta pai	<i>Lola</i> sabe usar	<i>Lola</i> passa por cima do carro	Assalta banco	Mani morre
3	<i>Lola pula e rosna para o cão</i>	<i>Lola</i> encontra pai na ambulância	Ausente	Carro atropela <i>Lola</i>	Ganha no cassino	Ambos vivem

Tabela 1

Os acidentes (Secundidade) e golpes do azar (Primeiridade), explicam as mudanças e crescimentos dos signos no universo. Quando desce as escadas de casa, *Lola* se assusta uma vez (*imagem 22*), se machuca outra (*imagem 23*), porque o dono do cão coloca a perna para que ela tropece, e numa terceira vez, pula sobre o cachorro e rosna para ele (*imagem 24*). As três formas diferentes de interação de *Lola* com o cachorro e o dono dele são variações possíveis. Elas representam diferentes possibilidades de situações, mas podemos entendê-las nesse contexto de uma evolução signíca.

22. (0:12:21) *Lola* se assusta23. (0:35:25) *Lola* tropeça24. (0:55:18) *Lola* pula e rosna para o cão

Lola procura seu pai nas três seqüências. Seu objetivo ao sair de casa é pedir dinheiro ao pai para ajudar o namorado. Se nas três seqüências ela age dessa maneira, não há como falar em memória de outras situações, encarando as primeira e segunda seqüências como flashbacks da terceira. Os signos evoluem nas realidades das seqüências, mas elas não podem, segundo notamos na ação de *Lola*, ser entendidas como sucessivas. O destino (entendido de forma *peirciana* como cumprimento da causa final) se mostra na ação de *Lola* pela vetorialidade de alguns signos. O pai reage mal ao pedido de *Lola* em uma primeira vez e ela não o enfrenta; na segunda vez, ele reage mal novamente e ela o enfrenta; e, na terceira vez ela não o encontra, tem que resolver seu problema sem recorrer ao pai, e acaba encontrando-o depois, na ambulância (após ter sofrido um acidente de carro), quando não mais precisava dele, pois já tinha conseguido o dinheiro.

Lola, no supermercado não sabia usar a arma e aprende com *Manni* como fazê-lo. Quando a arma reaparece para *Lola*, o fato de ela saber como usá-la permite um rumo diferente de um rumo em que ela não soubesse usar. Ela pode forçar o pai a pegar o dinheiro para ela. A arma, quando aparece pela segunda vez nas mãos de *Lola*, deixa de ser um instrumento que ela não sabe usar e passa a ser um instrumento que ela sabe usar. Isso não significa que ela tem memória de ter usado a arma, mas que o signo arma se desenvolveu na realidade do filme.

É interessante notar, porém, que na última seqüência, a arma não aparece. Isso porque, graças a acidentes e golpes do azar pelo caminho, *Lola* não encontra o pai e consegue o dinheiro sem precisar de arma (como nas outras duas vezes), no cassino. Podemos pensar na ausência da arma como “possibilitadora” para a conquista do dinheiro de outra forma que não a partir de assaltos, como nas outras duas vezes. Sem a arma presente, as coisas tiveram que se resolver de outra forma. Não que seja *somente* pela ausência da arma que as coisas aconteceram daquela forma, mas essa ausência pode ser considerada um dos fatores. É evidente, porém, que uma série de outros fatores contribuiu para que as coisas, na terceira seqüência, se desenvolvessem como o fizeram.

Em relação aos diferentes momentos em que *Lola* passa em frente ao carro de Sr. Meyers, é possível perceber uma progressão, cada vez ela passa mais tarde. Na terceira vez, por ações ao acaso que fizeram com que ela se atrasasse, ela é atropelada, pára em cima do capô do Sr. Meyers e eles se reconhecem. É por uma série de acontecimentos ao acaso que *Lola* chega em diferentes momentos até a garagem de onde sai o carro do Sr. Meyers.



25. (0:16:29) *Lola* passa em frente ao carro



26. (0:38:05) *Lola* passa por cima do carro



27. (0:57:58) Carro atropela *Lola*

Nessa situação em que o carro do Sr. Meyers sai da garagem e a cada seqüência é interceptado por *Lola* em um instante diferente, podemos pensar que o crescimento do signo se dá graças à série de ações anteriores que resultaram na chegada de *Lola* em momentos diferentes. Importante ressaltar que não estamos tratando de determinismo, mas acaso. O crescimento do signo pode ser entendido, nesse caso, porque o carro para *Lola* é ausente na primeira situação, ela passa sem notá-lo (*imagem 25*); na segunda, há um choque físico (*imagem 26*); e, na terceira (*imagem 27*), há uma troca, os dois se reconhecem e interagem brevemente. É possível compreender a progressão no sentido de que a cada seqüência o signo se aproxima mais de seu *fim*, ou seja, cresce mais, o que faz com que *Lola* chegue até o carro cada vez mais tarde.

Lola arruma o dinheiro de que *Manni* precisa no supermercado, assaltando-o com o namorado; no banco, depois de render seu pai com uma arma; e no cassino, depois de apostar duas vezes no número 20. O objetivo de *Lola*, que é entregar o dinheiro a *Manni* para salvá-lo, não é concluído depois que o casal rouba o supermercado, porque *Lola* toma um tiro; e, não é, também, concluído depois que *Lola* assalta o banco, porque o namorado é atropelado. Na terceira seqüência, *Lola* ganha o dinheiro no cassino, mas *Manni* já havia recuperado a sacola de dinheiro com o mendigo.

Podemos refletir sobre as situações da *tabela 1*, como propõe Andacht (2001), pensando na teleologia semiótica para além do sentido no âmbito apenas humano. Como, para Peirce, “o sentido é [...] um processo interminável, e nunca um objeto acabado para sempre” (apud ANDACHT, 2001, tradução nossa), podemos pensar que *Lola* corre, busca algo (graças a um *fim* não determinado) e que enquanto se dirige a ele, os signos crescem. “Essa teleologia ou tendência ao final, organiza mais do que supomos, nossa vida e a do mundo que nos rodeia”. (ANDACHT, 2001, tradução nossa).

Lola é o veículo da concretização de ideias. Os signos crescem em sua realidade em direção a um futuro aberto. É possível entender a ação sógnica (semiose) na vida de *Lola* em oposição a um entendimento a partir da atuação de sua vontade. Se, a partir do pragmatismo

de James, a temporalidade-verdade de *Lola* pode ser compreendida pela vontade, a partir do pragmaticismo de Peirce, precisamos mudar de ponto de partida.

O que constitui a temporalidade de *Lola* é a teleologia. Se não houvesse uma evolução dos signos de uma seqüência para a outra, poderíamos pensar em flashbacks ou concomitância temporal. Mas não podemos. A temporalidade de *Lola* é formada por essa ação sígnica, por essa vetorialidade. A causa final é a regularidade, é o que sustenta os acontecimentos possíveis. É o que possibilita que *Lola*, ou outro *veículo*, possa ter uma temporalidade configurada de tal forma. A causa final, segundo Peirce é,

[...] essa modalidade de produzir fatos de acordo com uma descrição geral do resultado é produzida, deixando de lado qualquer compulsão para que esta ocorra deste ou de outro modo particular. A causa final não determina em que modo particular será produzida, senão somente que resultado terá certo caráter geral. (apud ANDACHT, 2001, tradução nossa).

Neste terceiro capítulo, vimos como o pragmaticismo permitiu o avanço da análise de como *Lola* configura sua temporalidade. No próximo capítulo, vamos articular os dois métodos estudados e as análises, para continuar a compreensão sobre as potencialidades de cada um, bem como da temporalidade de *Lola*.

CAPÍTULO 4. Retomada reflexiva sobre as análises

Neste capítulo, vamos refletir sobre os avanços das análises da temporalidade da mesma personagem a partir de cada um dos métodos. A discussão proposta neste capítulo é de extrema importância, pois reafirma nosso objetivo ao realizarmos as análises que, como vimos, difere da realização da análise pela análise, rígida, sem discussão. Mais uma vez, ressaltamos que a intenção não é apontar o melhor método para se fazer análises, mas entender as potencialidades de cada um deles. Para tanto, vamos, primeiramente, fazer uma breve retomada dos conceitos trabalhados.

4.1 RETOMADA DE CONCEITOS

Primeiramente, os conceitos que justificam o pragmatismo serão retomados, brevemente. Como vimos, James estabelece algumas situações nas quais uma pessoa não só pode como deve acreditar em algo a partir de sua vontade. Essas situações são por ele denominadas de genuínas, ou seja, vivas, forçosas e muito importantes. O significado da verdade para James é dado a partir da concordância de uma ideia com a realidade, o que é o mesmo que estabelecer uma relação satisfatória com ela. Dessa forma, o pragmatismo de James fala em verdades no plural, e não em uma só verdade.

As verdades são estabelecidas a partir de experiências particulares e constantes verificações dessas verdades na vida prática dos indivíduos. Essas verificações não são científicas, elas se dão a partir de ações individuais, que devem comprovar a verdade a partir do quanto ela é satisfatória e útil para se lidar com a realidade. Vimos também que para James, não há nada fora da experiência e entendemos a diferença entre experiência pura (quando nos atentamos para algo) e experiência da experiência (quando tomamos consciência de nós mesmos no atentando para algo).

Resumidamente, esses foram os pontos estudados do pragmatismo de James, que depois foram melhor compreendidos durante o desenvolvimento da primeira análise. Não aplicamos conceitos ou usamos o pragmatismo como ferramenta, mas fizemos uma reflexão sobre o método e conforme caminhamos com a análise, evoluímos também no entendimento sobre o próprio.

Faremos agora uma retomada dos conceitos estudados do pragmaticismo de Peirce. Começamos com um entendimento de como, para Peirce, a crença pode ser fixada. Os métodos que permitem a fixação da crença são os métodos de tenacidade, de autoridade, *a priori* e científico, sendo o último o único que trata da realidade. Estudamos também o conceito de teleologia, ou seja, a vetorialidade do signo em direção ao futuro. Refletimos sobre a causa final (lei, tendência), causa eficiente (execução compulsiva e pontual da tendência própria de uma lei), golpes do azar e acidentes que fazem o signo crescer.

Resumidamente, foram esses os conceitos *peircianos* que tratamos e que, depois tiveram seu entendimento aprofundado conforme a análise foi se configurando. Durante a reflexão sobre o pragmaticismo, percebemos as diferenças em relação à reflexão anterior, sobre o pragmatismo *jamesiano*. As análises claramente chegaram a lugares diferentes, como veremos na discussão proposta, a seguir.

4.2 CONCLUSÕES SOBRE AS ANÁLISES E SEUS MÉTODOS

4.2.1 O pragmatismo de James e o método da tenacidade

O pragmatismo de James permitiu o avanço na compreensão da temporalidade-verdade de *Lola* a partir da análise de sua ação. Como não se propõe a ser científico, o limite da análise já é colocado por James desde o princípio. Ele delimita as situações em que é possível acreditar a partir da vontade. A análise foi realizada, então, de acordo com essas delimitações. É possível acreditar na temporalidade de *Lola*, se entendemos a experiência particular como legítima para o estabelecimento de verdades. James não negava uma realidade independente, como vimos, mas pensava nela à serviço do homem.

[James] não nega que a realidade seja independente, em grande parte pelo menos, daquilo que dizemos ou pensamos a seu respeito; mas a verdade, que só pode prender-se àquilo que afirmamos da realidade, parece-lhe ter sido criada por nossa afirmação. Inventamos a verdade para utilizar a realidade, resumir todo o essencial da concepção pragmatista da verdade numa fórmula como esta: *enquanto para as outras doutrinas uma verdade nova é uma descoberta, para o pragmatismo é uma invenção*. (BERGSON, 2006, p.253).

O pragmatismo de James pode ser comparado ao método da tenacidade de Peirce. Eles geram ações a partir da mesma forma de estabelecimento de crença, ou seja, a partir da vontade. Há diferenças na forma de conceber os métodos. Como vimos, Peirce coloca o método da tenacidade como um entre outros capazes de fixar a crença de determinada forma. Para Peirce o método científico é o único que trata da realidade. Já James, entende seu método pragmático como um método para conceber verdades satisfatórias a partir de experiências particulares e essas verdades concordam com a realidade, como vimos.

A análise a partir do pragmatismo de James foi realizada levando-se em consideração as ações de *Lola* como concretizações de sua vontade individual. Para realizar a análise, foi necessário partir apenas das ações de *Lola*, sem considerar fatores externos. Por exemplo, quando *Lola* toma o tiro (*imagem 28*), ela decide ficar com *Manni* e, portanto, não morre. Mas, como aceitar que ela escolhe não morrer e simplesmente não morre? Justificamos afirmando que aquela era para *Lola* uma crença verdadeira, ela não só queria acreditar, como, para ela, era possível acreditar naquilo. Se a escolha de viver pode parecer impossível porque

temos crenças que não nos permitem acreditar que ela é possível, para *Lola*, a possibilidade era real (como averiguamos em suas ações futuras).



28. (0:30:36) *Lola* toma o tiro

Outra dúvida que pode surgir é: se *Lola* molda sua realidade a partir de sua vontade e conseqüente configuração da verdade-temporalidade, por que então as coisas não acontecem *sempre* como ela quer, desde o princípio? Na primeira vivência de *Lola*, por exemplo, quando ela corre até o supermercado, ela pede, em pensamento, que *Manni* espere (*imagem 29*), mas não chega a tempo e o namorado entra no estabelecimento para assaltá-lo (*imagem 30*). Podemos entender essa questão de algumas maneiras, pensando em conformidade com o pragmatismo *jamesiano*. Talvez *Lola* tivesse que passar por tudo o que passou para que o final fosse aquele, ou seja, para que as coisas dessem certo, aquela sucessão de acontecimentos seria necessária. Podemos também pensar que nem todas as pequenas situações que *Lola* vive são genuínas (vivas, forçadas e muito importantes), dessa forma, não há como acreditar em *qualquer* coisa e querer que *tudo* aconteça como deseja. Por fim, podemos pensar que *Lola* não acreditava que *Manni* conseguiria ouvi-la (mesmo pedindo que isso acontecesse, ela não acreditava que fosse possível). Essa situação muda na segunda vivência, na qual, seguindo o mesmo raciocínio, *Lola* teria acreditado que ele a ouviria.



29. (0:26:42) *Manni*, antes de entrar no supermercado/
Lola, em pensamento, pede que *Manni* espere



30. (0:26:56) *Manni* entra no supermercado/*Lola*
grita por ele

Dessa forma, os pontos que parecem frágeis, na primeira análise, podem ser justificados pelo fato de a experiência particular, para James, poder configurar verdades. O método da tenacidade de Peirce se aproxima do pragmatismo de James nesse ponto, ou seja, em relação ao fato de estabelecer crenças a partir de experiências particulares, mas se afasta dele por algumas razões, como o fato de Peirce entender que o impulso social se volta contra o método, como vimos. Além disso, James tem várias justificativas para o uso de seu pragmatismo e o restringe às situações em que o intelecto não é capaz de resolver.

4.2.2 As Temporalidades de *Lola*

O objetivo do trabalho, além da comparação dos métodos e entendimento de cada um deles a partir dos avanços possíveis nas análises, é compreender como *Lola* configura sua temporalidade. O avanço que nos permite o pragmatismo de James, como vimos, é entender a temporalidade de *Lola* a partir de sua vontade e conseqüente configuração de temporalidade-verdade particular. Não é uma falha do pragmatismo de James não avançar além da vontade de *Lola*, é uma limitação assumida.

É interessante constatar que na análise a partir do pragmaticismo, as mortes não aparecem como questão. “Em termos *borgeanos*, é possível afirmar que certas ideias narrativas ou tramas vão encontrar infalivelmente, cedo ou tarde, seus meios tangíveis e terrenos através dos quais concretizarem-se”. (ANDACHT, 2001, tradução nossa). Assim, os signos crescem, graças aos acidentes e acasos, para que a causa final se cumpra. *Lola* é um veículo das *ideias*. A temporalidade de *Lola* é resultado dos signos que crescem.

Dessa forma, mesmo que tratemos a ação de *Lola* na análise pragmaticista, isso é feito a partir da vetorialidade sógnica, o que faz diminuir a importância da experiência particular. Se na análise a partir da vontade, a realidade se molda; na análise a partir da teleologia, a realidade independe da vontade e está sujeita ao acaso. É por isso que, na primeira análise, a *vontade* parece não dar conta de resolver algumas questões, por exemplo, quando há confronto com uma realidade difícil de ser negada; na segunda análise, isso não ocorre.

É possível concluir que a análise teleológica permite refletir sobre as situações como contínuas, ou seja, quando pensamos na arma, o fazemos a partir de sua evolução, mesmo que ela não tenha aparecido na terceira seqüência. Ou então, quando refletimos sobre como *Lola* intercepta o carro do Sr. Meyers, cada vez mais tarde, gerando um crescimento sógnico,

pensamos também num contínuo. A análise interessa-se por esse desenvolvimento, que acontece seja qual forem seus meios de concretização. A temporalidade de *Lola* vai se configurando a partir desse crescimento que pode ser visto em sua ação. Por isso, essa análise supera a questão das mortes, por exemplo. As mortes interessam para essa análise também entendidas como um contínuo, não como experiências particulares.

Já na análise a partir do pragmatismo de James, é necessário refletir sobre a vontade, sobre a experiência em cada vivência particular de *Lola*; não pensamos em desenvolvimento contínuo. As coisas acontecem porque é satisfatório para *Lola* que aconteçam. Para avançar na análise, temos que admitir que *Lola* entende a morte como passível de ser negada, a crença de *Lola* de que não morreria (ou de que *Manni* não morreria) é uma verdade. Dessa forma, a possibilidade é real para ela, como pode ser notado em suas ações posteriores.

É necessário refletir como age *Lola* depois da morte para poder compreender que para *Lola*, a crença de que pode viver (ou de que *Manni* pode viver) é maior do que a crença existente não particular sobre a morte. Questões do tipo: “mas como *Lola* consegue viver?” ou “como *Manni* vive?” têm que ser ignoradas. É necessário analisar apenas a ação de *Lola*. Tais questões não cabem na análise a partir da teleologia, porque é o crescimento dos signos que importa.

Concluo com o destaque de dois pontos-chave para a compreensão da temporalidade de *Lola* em cada caso e para a compreensão da principal diferença, para este trabalho, entre os dois métodos: a *vontade* e a *ação sígnica*. Andacht (2001) assegura o atributo “pós-moderno” ao projeto semiótico de Peirce, devido à importância que o modelo teórico *peirciano* atribui à ação sígnica (ou semiose) sobre nossa vida, em oposição direta à hegemonia de nossa vontade ou consciência, que caracteriza o pensamento da modernidade.

Assim, vimos que as análises evoluem de formas diferentes e chegam resultados distantes, o que conseqüentemente, torna mais claro o distanciamento conceitual dos métodos trabalhados. No início deste capítulo, a retomada conceitual foi importante para poder enxergarmos no fechamento da articulação das duas análises e métodos, o que foi trabalhado durante os capítulos anteriores. Isso posto, podemos agora partir para a conclusão do trabalho como um todo.

CONCLUSÃO

Se antes de começar esse trabalho, meu maior interesse era pensar no tempo do cinema, devido às tantas inquietações que o tema suscita, agora, graças ao modo como essa pesquisa se desenvolveu, o interesse cresce, sai do cinema e se abre para novas possibilidades, como a hermenêutica e a filosofia oriental. Como não parti de uma dúvida específica, mas de um interesse em estudar o tema *tempo no cinema* em geral, e devido à não identificação com os livros/teses lidos sobre o tema, foi necessário abrir a busca: de *tempo no cinema* para *tempo nas culturas* e *tempo e narrativa*. Paul Ricoeur foi o autor lido nessa fase, daí o crescente interesse por um estudo futuro sobre *outros tempos*. Neste trabalho, porém, depois de abrir o tema e entender algumas abordagens possíveis para tratar o tempo (e inclusive compreender melhor a que escolheríamos), voltamos para o cinema, afinal, o interesse principal ainda era esse.

Pelo caminho, encontramos muitos estudos que realizam categorizações seguidas de aplicações. Por exemplo, categorias sobre duração dos planos fílmicos são delimitadas, depois a aplicação dessas categorias é realizada em um ou vários filmes e chega-se a conclusão de que, por possuírem planos que podem ser enquadrados em algumas categorias determinadas, os filmes podem ser classificados de tal forma. Tais estudos não nos interessaram porque os entendemos como capazes de um avanço muito limitado, e de, portanto, gerarem pouca discussão, além de não precisarem de muita reflexão para se desenvolverem. Este trabalho localiza-se em outro lugar. Busca se configurar como uma opção à essas categorizações.

O pragmatismo foi escolhido por ser um método que nos permite a compreensão de algo a partir do estudo de seus efeitos. Não como instrumento ou ferramenta, para ser usado ou simplesmente aplicado, sem gerar discussão. Fizemos um estudo metodológico. Como visto, refletimos sobre os métodos conforme as análises foram se configurando. Entendemos mais sobre o método a partir de seus avanços nas análises. Antes de concluirmos o quanto e como conseguimos avançar em direção aos objetivos propostos inicialmente, gostaríamos de justificar os *vôos da imaginação* presentes neste trabalho, a partir da relação entre o pragmaticismo e a abdução, proposta por Peirce.

Resumidamente, Peirce define três espécies de raciocínio lógico: abdução, indução e dedução, sendo a abdução a única capaz de dar origem a uma nova ideia. A “abdução consiste em estudar fatos e inventar uma teoria para explicá-los. Sua única justificação é que, se for para entender as coisas deve fazer-se assim”. (PEIRCE, 1983, p. 41). A dedução prova o que algo deve ser, a indução mostra algo que atualmente é operatório e a abdução sugere o que algo *pode ser*, segundo Peirce.

Para entender a abdução, temos que entender a generalidade dos juízos perceptivos. Peirce afirma que o homem possui uma compreensão (*insight*) dos elementos gerais da Natureza (terceridade, lei), “[...] cujos acertos, se não ganham *a priori* do erro, também não se pode dizer que sejam esmagados por ele”. (PEIRCE, 1983, p.47). Segundo Peirce, o “*insight* pertence à mesma classe de operações na qual estão incluídos os juízos perceptivos”. (1983, p.47). O juízo perceptivo não é passível de análise, pois é um juízo que aceitamos e que está fora de nosso alcance, é resultado de um processo não plenamente consciente. Os juízos contêm predicado geral. A generalidade, então, nasce em nós dos juízos perceptivos e todo o raciocínio se dá em torno da percepção de generalidade e continuidade.

Para conferir fisionomia própria ao pragmatismo, Peirce enuncia três proposições que chama de *afiadoras* (*cotary*). São elas: 1) Nada pode estar no intelecto sem ter passado pelos sentidos, 2) juízos perceptivos contêm elementos gerais e as proposições universais são deles dedutíveis e 3) os juízos perceptivos (nossas primeiras premissas) devem ser considerados um caso extremo de inferências abduativas, diferindo-se delas por encontrarem-se fora de análise. Segundo Peirce, em sua sétima conferência sobre pragmatismo, a inspiração abduativa nada mais é que a ideia de associar os lampejos que já estavam em nossa mente.

[...] o problema do pragmatismo é o problema da lógica da abdução. Quer dizer, o pragmatismo propõe uma certa máxima que torna supérflua qualquer regra para admissibilidade de hipóteses para figurarem como hipóteses, isto é, explicações de fenômenos tidas como sugestões esperançosas; isto é *tudo* o que a máxima do pragmatismo realmente pretende, pelo menos no domínio da lógica, e não entendida como proposição da psicologia. (PEIRCE, 1983, p.56, grifo do autor).

Uma máxima que apenas procura considerações práticas não necessita de nenhum suplemento para excluir hipóteses inadmissíveis, afirma Peirce. A máxima do pragmaticismo cobre portanto toda a lógica da abdução.

O que é uma boa abdução? Que deve ser uma hipótese explicativa para ser digna de figurar como hipótese? Deve explicar certos fatos, é óbvio. Mas que outras condições deve preencher para ser boa? A questão da “excelência (*goodness*) de

alguma coisa está em saber se essa coisa preenche o seu fim. Em que consiste, então, o fim de uma hipótese explicativa? Depois de submeter-se ao teste do experimento, consiste em remover toda surpresa e chegar ao estabelecimento de um hábito positivo de expectativa que não venha a ser frustrado. (PEIRCE, 1983, p.57).

Segundo Peirce, a “máxima do pragmatismo *não pode* excluir nenhuma hipótese verdadeira” (1983, p.56, grifo do autor), o que faz de “[...] qualquer hipótese [...] admissível na ausência de razões em contrário, desde que suscetível de verificação experimental, e somente na medida em que tal verificação for possível”. (1983, p.57). Essa breve explanação sobre a abdução permite compreender como conscientemente procuramos realizar nossas reflexões, o que faz do trabalho, não só composto de duas análises pragmatistas, mas pragmaticista como um todo.

Depois dessa passagem sobre a abdução, que situamos nesta conclusão porque fecha a justificativa de como refletimos, podemos agora finalizar o presente trabalho, retomando as conclusões sobre os avanços. Como vimos, cada método nos permitiu entender como *Lola* configura sua ação de uma forma, e a partir de como compreendemos a configuração em cada análise, entendemos mais sobre cada um dos métodos. Para partir do pragmatismo de James, temos que entender as delimitações que ele mesmo propõe e assumir o que ele também assume: sua não-cientificidade. Para partir do pragmaticismo, é também importante não retirá-lo do todo do pensamento *peirciano*, como frequentemente acontece, por exemplo, com a definição de *índice*, *símbolo* e *ícone* - indiscriminadamente usada por muitos.

Por fim, consideramos a discussão proposta nesse trabalho como importante por ser uma alternativa aos lugares comuns das análises. Cabe ressaltar o potencial do pragmatismo como método que possibilita novas discussões. Terminamos com a seguinte citação, que ressalta as possibilidades que permite o pragmatismo:

[...] se o pragmatismo é a doutrina segundo a qual toda concepção é a concepção de seus efeitos práticos, (então) concepção vai muito além do prático. Permite todos os vãos da imaginação, desde que alimentem a possibilidade de um efeito prático; e deste modo muitas hipóteses que à primeira vista seriam excluídas pela máxima pragmática não o são na realidade. (PEIRCE, 1983, p.57).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDACHT, Fernando. **Un encuentro no fortuito entre Borges y Peirce**. Semiosfera: Revista de Comunicação e Cultura. Ano 1, n.1, outubro. 2001. Disponível em: <<http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera01/representacao/frsimb1.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2011.

APEL. Karl-Otto (1975). **El Camino del Pensamiento de Peirce**. Madrid: Visor, 1997.

BERGSON, Henri (1934). **O pensamento e o movente**. Ensaios e conferência. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.245-257.

BORGES, Jorge Luis (1969). **O Aleph**. Trad. Flávio José Cardozo. São Paulo: Globo, 1989.

JAMES, William (1896). **A vontade de crer**. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2001.

JAMES, William. **Pragmatismo e outros textos**. Coleção Os Pensadores. Trad. Jorge Caetano da Silva, Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PEIRCE, Charles Sanders (1877). **A fixação da crença**. Trad. Anabela Gradim. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf>. Acesso em 15 fev. 2011

PEIRCE, Charles Sanders (1878). **Como tornar as nossas ideias claras**. Trad: António Fidalgo. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/peirce_como_tornar_as_nossas_ideias_claras.pdf>. Acesso em 15 fev. 2011.

PEIRCE, Charles Santiago Sanders. **Escritos coligidos**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.5-60.

SOARES, Silnei S. **Enquanto *Lola* corre, o tempo se enrola (sobre si)**. In: I Encontro Internacional para o Estudo da Semiosfera, 2007, São Paulo. Semiótica da Cultura e Semiosfera. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007. (resumo).

STROH, Guy W. (1968). **A filosofia americana**: uma introdução (de Edwards a Dewey). Trad. Jamir Martins. São Paulo: Cultrix, 1972.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. **Pragmatismo, experiência e educação em John Dewey**. ANPED – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/.../eliandafigueiredotiballi.rtf>>. Acesso em 15 fev. 2011.

WAAL, Cornelis de. **Sobre pragmatismo**. Trad. Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2007.

WESEP, H. B. van (1960). **A estória da filosofia americana**. Trad. João Paulo Monteiro. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

ANEXOS

1. SINOPSE DE *CORRA, LOLA, CORRA*

Corra, Lola, corra notabilizou-se pelo ritmo de videoclip e por sua estrutura narrativa peculiar, que repete a mesma situação dramática por três vezes, com pequenas – mas fundamentais – variações. Esta situação pode ser brevemente descrita assim: *Lola* recebe um telefonema de seu namorado, *Manni*, que lhe conta ter cometido um erro ao prestar um serviço de entrega de drogas para um gangster local: ele simplesmente esqueceu no vagão do metrô uma sacola com cem mil marcos, o pagamento recebido pela “mercadoria” entregue. Agora, tem apenas 20 minutos para reaver o dinheiro antes que o gângster o encontre para o acerto de contas. *Lola* decide que a única maneira de conseguir o dinheiro é recorrendo a seu pai, um banqueiro. Tomada a decisão, ela desliga o telefone e sai de casa, em direção ao banco e ao local onde *Manni* a aguarda. Se ela não chegar a tempo, ele irá assaltar um supermercado.

FONTE: SOARES, Silnei S. **Enquanto *Lola* corre, o tempo se enrola (sobre si).** In: I Encontro Internacional para o Estudo da Semiosfera, 2007, São Paulo. *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007. (resumo).

2. FICHA TÉCNICA DE *CORRA, LOLA, CORRA (LOLA RENNT)*

Prokino; X-Filme Creative Pool, Alemanha, 1998.

Direção e Roteiro: Tom Tykwer. **Produção:** Stefan Arndt. **Fotografia:** Franz Griebe. **Música:** Tom Tykwer; Johnny Klimek; Reinhold Heil. **Elenco:** Franka Potente; Moritz Bleibtreu; Herbert Knaup; Nina Petri; Joachim Krol; Armin Rohde. **Duração:** 81 minutos.

FONTE: The Internet Movie Database – IMDB. Disponível em:
<<http://www.imdb.com/title/tt0130827/fullcredits#cast>>. Acesso em 20 jun. 2011.

